UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

André Morgental Weber

RISCOS E ESCRITOS NO CONFINAMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Santa Maria, RS
2022

LOMBADA

PPGP/UFSM, RS WEBER, André Morgental Mestre 2022

André Morgental Weber

RISCOS E ESCRITOS NO CONFINAMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jana Gonçalves Zappe

Santa Maria, RS
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Weber, André
RISCOS E ESCRITOS NO CONFINAMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 / André Weber.- 2022.
74 p.; 30 cm

Orientadora: Jana Gonçalves Zappe
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2022

1. Psicanálise 2. Centro De Atendimento Socioeducativo 3. Agressividade em Psicanálise 4. Corpo em Psicanálise 5. Escrita no Confinamento I. Gonçalves Zappe, Jana II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ANDRé WEBER, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

RISCOS E ESCRITOS NO CONFINAMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Aprovada em 07 de julho de 2022:

Jana Gonçalves Zappe, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Roselene Ricachenevsky Gurski, Dra. (UFRGS)
(por videoconferência)

André Oliveira Costa, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao imenso carinho e atenção de minha orientadora Jana Zappe. Desde o início do percurso do mestrado, as oportunidades elencadas para a produção do projeto e dissertação, juntamente com as diversas mudanças necessárias de construção do estudo devido a pandemia de Covid 19. Um processo acompanhado de muito afeto e trocas.

A minha noiva Ana Luiza que participou ativamente do processo com conversas que ajudaram a desenvolver o pensamento sobre o estudo e, principalmente, no acolhimento dos sentimentos.

Aos meus pais, Sérgio e Rosângela, que trouxeram carinho e apoio.

Em forma de escrita e corpo digo a vocês: Muito obrigado.

RESUMO

RISCOS E ESCRITOS NO CONFINAMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Esse trabalho de dissertação de mestrado apresenta uma análise da atividade de troca de cartas estabelecida entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade durante a pandemia da Covid-19. As trocas de cartas se estabeleceram no contexto de um projeto de extensão que realizava grupos de intervenção psicossocial com adolescentes que cumpriam medida socioeducativa no Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Santa Maria (CASE-SM), localizado na região central do Rio Grande do Sul. Durante o desenvolvimento das atividades presenciais, diversas questões sobre o corpo, a posição de sujeito e os discursos, dentre outras, possibilitaram que atividades de escrita, desenhos e tatuagens, dentre outras, fossem desenvolvidas com o intuito de escutar e possibilitar a responsabilização dos adolescentes com relação aos seus discursos. As atividades presenciais ocorreram até o ano de 2020, quando foram interrompidas em decorrência da pandemia da Covid-19. Com isso, teve início a troca de cartas, inicialmente pensada para promover a manutenção de vínculo entre extensionistas e adolescentes, mas, no decorrer das trocas, foi se constituindo um potencial importante para uma intervenção, pois os adolescentes se inscreviam/escreviam nas cartas enviadas ao grupo e a cada extensionista em particular. A partir disso, formulou-se a proposta de análise desse processo, fazendo relação com a teoria psicanalítica e abordando de forma mais específica as dimensões da escrita, da agressividade e do corpo. Os resultados dessa análise estão estruturados em três capítulos: O primeiro capítulo faz referência à história do projeto, apresentando o início das atividades com os adolescentes, em 2016, as principais atividades desenvolvidas nos anos seguintes de forma presencial (2017-2019), culminando com o início da atividade do envio das cartas no ano de 2020. O segundo capítulo enfoca o trabalho da troca de cartas com os adolescentes na perspectiva de analisar o processo de escrita e uma possível corporeidade derivada desse processo. O terceiro capítulo analisa o processo de troca de cartas interrogando se o mesmo pode ser considerado como um dispositivo clínico, tendo a escrita como caminho para a construção de posicionamentos subjetivos. Em conjunto, os resultados da dissertação indicaram que é possível utilizar de diferentes dispositivos para possibilitar que os adolescentes se manifestem, seja pela fala ou pela escrita, operando deslizamentos discursivos importantes para o processo de constituição subjetiva, especialmente em um contexto de privação de liberdade.

Palavras-Chave: Adolescentes; Medida Socioeducativa; Corpo; Agressividade; Escrita.

ABSTRACT

RISKS AND WRITINGS IN LOCKDOWN: AN ANALYSIS OF THE PROCESS OF EXCHANGE LETTERS WITH ADOLESCENTS IN A SOCIO-EDUCATIONAL MEASURE DURING THE COVID-19 PANDEMIC

This master's dissertation work presents an analysis of the exchange of letters activity established between university extension workers and adolescents deprived of liberty during the Covid-19 pandemic. The exchanges of letters were established in the context of an extension project that carried out psychosocial intervention groups with adolescents who were serving socio-educational measures at the Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Santa Maria (CASE-SM), located in the central region of Rio Grande do Sul. During the development of face-to-face activities, several issues such as the body, the position of the subject, the speeches, among others, made it possible for writing activities, drawings, tattoos, among others, to be developed in order to make it possible to give voice and enable accountability. the same for teenagers. In-person activities took place until 2020, when they were interrupted due to the Covid-19 pandemic. With this, the exchange of letters began, initially designed to promote the maintenance of a bond between extension workers and adolescents, but, in the course of the exchanges, an important potential for an intervention was constituted, as the adolescents signed up / wrote in the letters sent to the group and to each member. From this, the proposal of analysis of this process was formulated, relating it to the psychoanalytic theory and approaching in a more specific way the dimensions of writing, aggressiveness and the body. The results of this analysis are structured in three chapters: The first chapter refers to the history of the workshops, presenting the beginning of activities with adolescents, in 2016, the main activities developed in the following years in person (2017-2019), culminating in the beginning of the activity of sending letters in the year 2020. The second chapter focuses on the work of exchanging letters with adolescents in the perspective of analyzing the writing process and a possible corporeality derived from this process. The third chapter uses the same activity of exchanging letters to think about the relationship between aggression and writing. Taken together, the results of the dissertation indicated that it is possible to use different devices to enable adolescents to express themselves, either through speech or writing, operating important discursive slides for the process of subjective constitution, especially in a context of deprivation of liberty.

Keywords: Adolescents; Socio-educational Measure; Body; Aggressiveness; Writing.

SUMÁRIO

Uma introdução do percurso.....10

CAPÍTULO 1: Intervenção psicossocial com adolescentes privados de liberdade: estabelecendo laços entre Socioeducação e Universidade para promover inclusão social.....16

CAPÍTULO 2: A troca de cartas com adolescentes em medida socioeducativa como um processo constituinte de um possível corpo.....33

CAPÍTULO 3: A escrita como possibilidade de construção no isolamento extremo: Trocas de cartas entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade durante a Pandemia da COVID-19.....56

Considerações finais do percurso.....73

Uma introdução do percurso

Em parceria com a Escola Municipal Humberto Campos, localizada em anexo ao Centro de Atendimento Socioeducativo de Santa Maria - RS (CASE-SM), o grupo de pesquisa e extensão "Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude" (REDIJUV) realiza intervenções com os adolescentes que estão em medida socioeducativa. Essas intervenções partem da perspectiva da realização de grupos psicossociais que proporcionem um espaço de escuta, criação e apropriação das questões que surgem no desenvolvimento da atividade.

Através da realização dos grupos, as intervenções buscavam proporcionar na escuta uma abertura de espaço no qual a responsabilidade do adolescente não visasse o ato infracional cometido, ou até mesmo, qual medida socioeducativa ele estava cumprindo em função desse ato. A responsabilidade em questão se colocava no discurso, ou seja, o que era falado era tomado em consequência de uma ação. Jogos, criação, escrita, eventos, dentre outros, se tornaram atividades criadas para que o adolescente encontrasse no discurso uma possibilidade de significação e, até mesmo, de se defrontar com o que estava falando ou agindo.

Na entrada do ano de 2020, os grupos começaram novamente de maneira presencial. Porém, com a chegada da pandemia da Covid-19, a presença se tornou um risco para os adolescentes, sendo que a reinvenção dos grupos se tornou uma alternativa para que o contato continuasse, mesmo que de maneira não presencial. Foi pensado, então, a escrita como uma possibilidade de continuar o contato com os adolescentes. Cartas começaram a ser escritas para que os adolescentes tivessem um espaço para produzir, tanto em função da resposta em escrito das cartas que estavam sendo enviadas, como também, através de outras maneiras de manifestação, como os desenhos. A reinvenção desse momento passou por diversos desafios, tanto em decorrência da pandemia que estava começando, como também, da tentativa de estabelecer uma nova maneira de comunicação com os adolescentes.

Cabe mencionar que a atividade foi pensada pelo grupo da REDIJUV através dos elementos que constituíram os encontros presenciais realizados anteriormente. Alguns elementos eram mais evidentes naquele momento de proposição, tais como aqueles em que a escrita se tornava um meio de expressão nas atividades que eram construídas pelos adolescentes e extensionistas. Cartazes, desenhos, grafite, oficinas de tatuagens, dentre outras, traziam o registro da escrita como um meio de intervenção nos grupos. Dessa maneira, algumas questões começaram a surgir pelo posicionamento dos adolescentes nas atividades, trazendo o corpo como um elemento de produção nos rabiscos de tatuagens realizadas, por exemplo, ou como o

próprio ato da escrita como uma inscrição importante no movimento de expressão no grupo. Outro elemento evidente no momento de construção da proposta foi a escrita de cartas pelos adolescentes na instituição, atividade que era frequente e que tinha como principais destinatários os familiares, amigos e amores dos jovens, e que em alguns momentos também foram endereçadas aos extensionistas.

Porém, alguns elementos constituintes dessa proposta só se tornaram evidentes posteriormente, especialmente com a escrita dessa dissertação, tal como a presença de Eliane Brum nas atividades do grupo. Em 2019, Eliane participou da Feira do Livro em Santa Maria e, de forma muito sensível e gentil, aceitou nosso convite para ir até a Unidade realizar a leitura de textos aos adolescentes que, em função da privação de liberdade, não poderiam acessá-la na Feira. Os textos da Eliane já eram uma inspiração para os extensionistas e, a partir daquele encontro, se tornaram para os adolescentes também, que a escutaram atentamente e imediatamente organizaram uma lista para a circulação dos livros doados por ela à biblioteca da escola. Naquela ocasião, Eliane perguntou aos adolescentes se eles escreviam. Eles não responderam, nem mesmo os extensionistas responderam, mesmo sabendo que eles escreviam. "Deu branco", talvez pela emoção do momento, todos silenciamos, mas logo depois nos demos conta que poderíamos ter respondido que sim, entre outras coisas, eles escreviam cartas, com papel e lápis ou caneta, ou seja, escreviam "à mão", com o corpo. Hoje, parece como se essa dissertação apresentasse uma resposta àquela questão originalmente não respondida, ou quem sabe a própria questão é que tenha produzido tudo que se escreveu a partir dela.

Outro elemento constituinte da proposta que se evidenciou no momento "só depois", quando da escrita dessa dissertação, foi a presença de trocas de cartas na história da Psicanálise, especialmente as cartas trocadas entre Freud e Flies e entre Einstein e Freud, as quais teriam servido de "pistas" para a criação de um dispositivo clínico por meio da troca de cartas entre extensionistas e adolescentes.

Partindo destes elementos, consciente ou inconscientemente constituintes, a troca de cartas foi proposta a partir do advento da não presença física, tendo iniciado com o envio de cartas semanais para os adolescentes no intuito de que houvesse um espaço para que eles pudessem falar/registrar. Cabe mencionar que não era obrigatório escrever, deixando o espaço livre para que o adolescente pudesse utilizá-lo da maneira que desejasse, como uma possibilidade de expressão. Quando respondida, a atenção direta a cada adolescente era realizada, sendo escritas as cartas gerais para todos os adolescentes na semana, juntamente com as respostas individuais para aqueles que haviam iniciado uma interlocução.

Partindo dessa atividade que esse trabalho teve por objetivo realizar uma análise dos escritos, considerando os desafios e as possibilidades abertas com a chegada da pandemia. Nota-se nos escritos dos adolescentes uma presença constante dos desafios impostos pela pandemia, considerando a dificuldade de com suas famílias, as vivências cotidianas da instituição, dentre outros fatores, que através das cartas se tornou possível realizar uma interlocução e intervenção.

Um dos adolescentes escreveu: “Pois em 2019 que nós se conhecemos e fizemos atividades juntos, rezem pra mim sair kkk! Por favor”. A escrita possibilitou, então, uma continuidade. Continuidade, tanto em função dos grupos e reconhecimento do espaço como possível de alguma produção, como também, a transferência como meio de interlocução, na atividade desenvolvida através do escrito. Outro adolescente faz a ligação das cartas com os grupos perguntando: “vocês lembram daquela vez que nós fomos no jardim botânico? Tava nós e depois fizemos um piquenique tudo de bom! Vou confessar, foi a primeira vez que eu tinha tomado terere e é muito bom, estou gostando das cartas que estou recebendo, continuem mandando, obrigado!” Uma transição apresentada na carta pelo adolescente, demonstrando certa continuação das atividades realizadas com os grupos pela lembrança e registro nas cartas.

Nesse viés de pensamento, há uma oportunidade de leitura da troca de cartas. Essa leitura é buscada nos preceitos trazidos por Dunker, Paulon e Ramos (2017) que trabalham a metodologia da psicanálise sobre a análise de discurso. Separado da interpretação direta entre atribuir significados frente ao que era escrito pelo adolescente ou atribuir um sentido simbólico completo frente ao que se apresentava como risco/rabisco, esse trabalho buscou justamente sair da necessidade de achar algo completo em registro. Há com isso, o registro de uma hipótese que circunda as perspectivas reais riscadas pelos adolescentes na realização das atividades.

Como mencionam os autores, o trabalho perpassou em desenvolver uma metodologia que, através da leitura, buscasse significantes e repetições, dentre outros fatores, que possibilitassem fazer sentir uma repressão na escrita. Repressão essa, voltada a indicar pontos truncados que não visassem a indicação/interpretação de uma resposta completa, mas uma possibilidade de leitura que indicasse e representasse construções de linguagem e deslizamentos discursivos. Com isso, foram realizadas algumas escolhas: agressividade, corpo, escrita, intervenção, dentre outros elementos, passaram a orientar o trabalho de leitura e análise da atividade realizada com os adolescentes.

Com isso, passou-se a problematizar a relação estabelecida com os adolescentes no Case por meio das cartas, tanto pelos que aderiram à proposta de escrever, quanto àqueles que não aderiram. Nesse sentido, considerou-se a dificuldade em escrever, uma vez que se trata de

responder ao desafio de construir e ocupar um espaço de produção singular em um contexto fortemente marcado pela homogeneização.

Evidenciando a aposta metodológica estabelecida na leitura da atividade, cabe mencionar que os artigos escritos nesse trabalho buscaram apresentar uma história construída por um caminho singular, marcado pela angústia do registro e pelas escolhas por traçar um caminho dentre os tantos possíveis. Como mencionam Dunker, Paulon e Ramos (2017), um caminho marcado por uma construção de ficção, de uma hipótese frente ao que foi escrito pelos adolescentes e pela análise do processo de troca das cartas.

Cabe mencionar que, inicialmente, o projeto de dissertação estava sendo elaborado para acontecer com uma intervenção presencial. As oficinas do projeto de extensão aconteciam semanalmente, de forma que o projeto de pesquisa tinha o intuito de realizar um estudo/intervenção que utilizasse desse espaço presencial. Decorrente da pandemia da Covid-19 o contato com os adolescentes foi apenas possibilitado de maneira não presencial através das cartas, inviabilizando a perspectiva inicial do projeto de dissertação. Porém, as cartas que iniciaram para manter contato com os adolescentes, foram se tornando um mecanismo fundamental para receber um enfoque de estudo, pois progressivamente foi se suspeitando que as cartas possibilitavam mais do que a manutenção do contato, revelando-se como um dispositivo de intervenção muito potente.

Esse caminho provocou a produção dos três trabalhos que compõem essa dissertação de mestrado. Um primeiro capítulo apresenta o percurso histórico do desenvolvimento das oficinas pelos extensionistas da REDIJUV, evidenciando alguns elementos constituintes do trabalho com os adolescentes em medida socioeducativa. Oficinas, atividades, participações em outras oficinas e outras atividades da escola e do CASE são descritas, dando a conhecer este percurso. Esse trabalho foi escrito em junho de 2021, em co-autoria com as extensionistas Sara Peres Dornelles Almeida, Juliana da Rosa Marinho, Renata dos Santos da Costa, Luana da Costa Izolan e Jana Gonçalves Zappe, e foi submetido para publicação como um capítulo do livro intitulado “Observatório de Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Maria: identidades, trajetórias e perspectivas”, sendo adotadas as normas de publicação da Editora da UFSM.

O segundo capítulo é um artigo intitulado “A troca de cartas com adolescentes em medida socioeducativa como um processo constituinte de um possível corpo”, cuja proposta é analisar a relação da escrita com o corpo. Corpo esse voltado a ser entendido pela perspectiva analítica de Lacan (1998), marcado inicialmente pelo texto “O estádio do Espelho”. Com isso, fatores imaginários, simbólicos e reais, são analisados na troca de cartas através da escrita e no

conhecimento já existente em função do funcionamento da instituição. Coube, também, nesse capítulo, buscar pensar a atividade de escrita na colocação do corpo, relacionando com a agressividade. A corporeidade é fato representável na constituição imaginária de completude corporal, trazendo consigo o que Lacan (1998) chama de ameaça de despedaçamento. O que da escrita se faz presente na constituição de um corpo? Há possibilidade de representar o corpo através da escrita? Perguntas como essas direcionaram as reflexões sobre a atividade de escrita com relação ao corpo. Escritoras, como Eliane Brum (2017), serviram de suporte para pensar essa relação da escrita com as produções corporais que se colocam nesse ato do registro. O risco, tanto em função do papel naquilo que recebe registro, como o risco, no ato de se colocar frente as suas produções. Elementos discursivos que se tornam importantes no trabalho realizado nesse artigo em considerar uma corporeidade através da atividade como um produtor de discurso e, também, uma colocação frente ao cotidiano da instituição. Esse artigo será submetido à revista "Tempo Psicanalítico" e está organizado de acordo com as normas da revista.

O terceiro capítulo é um artigo intitulado "A escrita como possibilidade de construção no confinamento: Trocas de cartas entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade durante a Pandemia da COVID-19", que analisa o processo de troca de cartas como um dispositivo clínico que favoreceu a circulação da palavra e possibilitou deslizamentos de sentidos. Esse artigo será submetido à revista "Ágora" e está organizado de acordo com as normas da revista.

Esses três artigos apresentam uma interlocução em função da atividade de troca de cartas realizada e enfocada nesta dissertação. Primeiramente, a perspectiva histórica do desenvolvimento das atividades permite adentrar ao caminho construído pelo grupo da REDIJUV nas intervenções realizadas com os grupos de adolescentes na instituição CASE. O segundo artigo busca compreender em qual lugar o adolescente se posiciona nas cartas através da perspectiva psicanalítica sobre o corpo, e o terceiro artigo analisa se o processo de troca de cartas se constituiu como um dispositivo clínico.

A atividade se tornou uma possibilidade de dar espaço aos adolescentes em medida socioeducativa para possibilitar a inscrição e colocação de discurso no período da pandemia da Covid 19. Se trata aqui de um trabalho/caminho de dissertação de mestrado que, evidentemente, demonstra a trajetória desse percurso junto aos adolescentes. Porém, com a evidência de ser, também, um escrito que coloque o sujeito adolescente em evidência para que possa ser escutado.

CAPÍTULO 1

Intervenção psicossocial com adolescentes privados de liberdade: estabelecendo laços entre Socioeducação e Universidade para promover inclusão social[1]

Resumo

Esse trabalho descreve o percurso da intervenção psicossocial desenvolvida com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Como prática extensionista, busca-se acessar os adolescentes, instigar reflexões e mobilizar a construção de projetos de vida, explorando as possibilidades de articulação entre Universidade e Socioeducação para promoção de inclusão social.

O objetivo deste capítulo é apresentar o desenvolvimento histórico do projeto de extensão "Oficinas de Intervenção Psicossocial com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação", registrado sob número 048322 no Portal de Projetos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e vinculado ao Observatório de Direitos Humanos da Pró-reitora de Extensão (PRE/UFSM). Por meio do projeto, busca-se contribuir com o enfrentamento de dificuldades na promoção da cidadania, da inclusão social e da garantia de direitos humanos dos adolescentes em conflito com a lei, o que está relacionado com a existência de um certo descompasso entre as garantias legais e a efetivação delas.

A legislação reconhece os adolescentes enquanto sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, que devem ter garantidos, pelo Estado, o acesso aos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana e assegurado o desenvolvimento saudável nos âmbitos físico, social, mental, moral e espiritual por meio de ações de proteção e promoção social (BRASIL, 1990). No entanto, apesar de serem claramente estabelecidos estes direitos, desigualdades estruturais fortemente presentes no Brasil dificultam o acesso a pessoas, recursos e serviços que seriam fundamentais para a efetivação do desenvolvimento social. É frequentemente descrita na literatura a proximidade entre a falta de acesso a direitos básicos e a prática de atos infracionais, de forma que os adolescentes em conflito com a lei possuem uma trajetória de vida mais

[1] Esse trabalho foi escrito em junho de 2021, em co-autoria com as extensionistas Sara Peres Dornelles Almeida, Juliana da Rosa Marinho, Renata dos Santos da Costa, Luana da Costa Izolan e Jana Gonçalves Zappe, e foi submetido para publicação como um capítulo do livro intitulado "Observatório de Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Maria: identidades, trajetórias e perspectivas"

marcada pela violação do que pela efetivação de seus direitos, ou seja, são pessoas que têm direitos “apenas no papel” (AZEVEDO; AMORIM; ALBERTO, 2017).

Diante desse cenário, compreende-se que o exercício da socioeducação é bastante complexo e desafiador, uma vez que envolve a garantia de direitos fundamentais e a promoção da cidadania, em uma perspectiva pedagógica, ao mesmo tempo em que promove a responsabilização pela prática de atos infracionais. Entre outros aspectos, envolve o desafio de acessar os adolescentes, instigar reflexões sobre suas histórias de vida e mobilizar a construção de projetos de vida desvinculados do conflito com a lei. Levando em consideração os aspectos estruturais envolvidos, considera-se a importância do reconhecimento da incompletude institucional e da necessidade de se estabelecer ações em rede que articulem diferentes instituições com as instituições socioeducativas, como a Universidade. É nessa direção que o projeto tem sido desenvolvido, buscando explorar ao máximo as possibilidades de articulação entre Universidade e Socioeducação, considerando que a educação é um dos principais pontos de intersecção entre elas.

As ações do projeto são realizadas em parceria com a Escola Estadual Humberto de Campos, localizada em anexo ao Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Santa Maria (CASE-SM), com o objetivo de possibilitar que os adolescentes explorem diferentes formas de inscrição no mundo. As atividades são propostas de forma dinâmica e flexível, a partir do que se produz na interação espontânea entre extensionistas e adolescentes, seguindo a dinâmica de oficinas de intervenção psicossocial. Trata-se de um método que se baseia na articulação entre diferentes dimensões, quais sejam: clínica, visto que se interessa pelos projetos dos sujeitos implicados; psicossocial, porque busca colocar cada pessoa dentro do seu contexto político, social e institucional; e educativa, a partir de um viés de reflexão, aprendizagem, transmissão de informações e conscientização (AFONSO, 2006).

De forma mais específica, as oficinas acontecem com intuito de possibilitar uma escuta que considere a relação do sujeito, seu contexto, suas experiências, as questões relacionadas às vivências durante o cumprimento da medida socioeducativa, como também, as questões apresentadas em função da sua vida, suas dúvidas, certezas, anseios, dentre outros fatores que se tornam eloquentes no momento das atividades. Cabe mencionar que o desejo dos adolescentes em participar ou não das atividades das oficinas é sempre respeitado.

A pré-história do projeto: de 2016 a 2017

As oficinas de intervenção psicossocial começaram a ocorrer no CASE-SM em 2016, quando uma das integrantes do projeto realizava o estágio obrigatório de graduação em

psicologia. Nesse período, a proposta se chamava “oficinas de criação”, onde buscava-se primordialmente instigar a criatividade dos adolescentes, baseando-se em uma perspectiva winicottiana, que salienta que os processos criativos podem levar o sujeito a identificar que a vida vale a pena, e que não estamos apenas submetidos a um ajustamento padronizado, como se fossemos máquinas. Assim, perceber e potencializar a criatividade em um ambiente de qualidade e previsível possibilita tornar os sujeitos mais saudáveis e mobilizados a viver de forma criativa (WINNICOTT, 1975).

Para isso, as atividades devem acontecer em um espaço de confiança, em que há acolhimento para conversar, interagir e criar de forma livre e autônoma. Era sabido que essa proposta se distanciava em alguma medida do que ocorria em outros espaços da instituição, em que a segurança e a disciplina eram mais valorizadas, dificultando o exercício da autonomia. Esses aspectos eram reconhecidos nas oficinas, e buscava-se interações também com os socioeducadores, que acompanhavam as atividades das oficinas dentro da sala, observando e questionando sempre que algo estava fora do que era o esperado, para que fosse possível trabalhar de forma coletiva dentro das práticas entendidas como socioeducativas.

Inicialmente, as atividades aconteciam no turno da manhã, todas as sextas-feiras, com encontros quinzenais com cada grupo. No ano seguinte, 2017, iniciaram-se as atividades com duas turmas no período da tarde, pois um dos adolescentes que estava nas oficinas no período da manhã, e que era entendido pela instituição como um adolescente “difícil”, relatou a uma das profissionais que o atendia, que era o espaço que ele mais gostava de estar dentro da instituição, e teve que deixar de participar pois suas aulas passaram a ser pela manhã. Dessa forma, para manter o acesso deste adolescente, e possibilitar a outros, foram criados grupos no turno da tarde. O encontro com o adolescente percebido como "difícil” foi entendido pelos integrantes das oficinas, como uma oportunidade para apresentar um espaço diferente para novas produções de discurso sobre ele (NASIO, 2011).

Cada grupo era composto por 6 adolescentes, todos meninos de 14 a 17 anos e em média o tempo de duração das oficinas era de 3 horas, das 8h às 11h pela manhã e à tarde das 14h às 17h. A primeira oficina ocorreu em forma de apresentação da proposta, para que os adolescentes pudesses se sentir acolhidos e se apropriarem do grupo. Segundo Ribeiro e Torossian (2019), não há como saber o que faz o adolescente vir e ficar, então é preciso que suportemos nossas incertezas e os silêncios iniciais sobre nossas apostas, pois é nesse suportar de não saberes sobre esses sujeitos, que podemos tolerar e ao mesmo tempo ser suporte em cada encontro, para cada um. Com a entrada e apropriação do espaço, algumas regras foram sendo constituídas no início das atividades. Regras essas criadas pelos adolescentes, professores e os

mediadores participantes, no intuito de criar um espaço seguro para o adolescente manifestar suas questões.

Os encontros seguiram e os adolescentes ficavam, então pôde-se entender que, mesmo diante de muitas dificuldades, ainda assim, eles também apostaram na ideia. Os encontros posteriores foram pensados em grupo, onde os adolescentes escolheram entre trabalhar com música, brincadeiras, construção de objetos, como por exemplo um abajur com palitos de picolé, tie dye, argila, mobile, entre outros. Também foram assistidos documentários sobre funk, sobre coletivos da cidade, nos quais houve suporte para conversar sobre os padrões estéticos de beleza que são impostos pela sociedade, sobre a cultura da periferia, sobre a juventude, também foi solicitado para alguns amigos gravarem vídeos que foram apresentados aos adolescentes, na sua maioria eram amigos falando sobre suas experiências de vida e como foi passar por alguns desafios.

Um dos conteúdos apresentados durante as oficinas foi especialmente significativo: o depoimento em vídeo de dois jovens que já haviam cumprido medida socioeducativa e que ingressaram na Universidade, contando sobre suas experiências. Os adolescentes pediram para assistir aos vídeos diversas vezes, e a cada vez discutiam e propunham questões sobre o que assistiam. Considerou-se fundamental que a possibilidade de ocupar um lugar na instituição educacional/universidade estivesse sustentado em nosso discurso - extensionistas/os e jovens do vídeo - como um espaço de pertencimento para quem cometeu ato infracional, sendo possível aos adolescentes se identificarem para além do lugar físico das instituições, mas também, simbólico, autorizando-os, para além da infração, a estabelecer laço com o social enquanto estudantes (GURSKY, STZYKALSKI, 2019).

Um grande parceiro para algumas atividades, nas quais inclusive alguns foram participantes, foi o CORAP – Coletivo de Resistência Artísticos Periférica de Santa Maria, alguns convidados trabalharam com grafite, outros com produção de rima, outros falando sobre redução de danos, nesses encontros muitos adolescentes que não tinham uma boa relação fora da instituição se propuseram a dividir o mesmo espaço para que os convidados pudessem desenvolver suas atividades, bem como, algumas vezes presenciou-se alguns adolescentes que haviam brigado, reatarem suas amizades dentro das oficinas para continuarem dividindo o mesmo espaço.

O objetivo de um dos encontros era trabalhar com grafite e a oficina contou com alguns convidados que mobilizaram muito os adolescentes. É preciso salientar, que não era possível para o grupo trabalhar com muitas das ideias sugeridas pelos adolescentes, nesse sentido, precisou-se buscar parceiros que apoiassem as ideias em alguns momentos. Um destes

convidados contou um pouco sobre suas experiências, tanto pessoais, quanto no campo artístico, e a escola nos cedeu uma parede de uma das salas de aula - que anteriormente funcionava dentro da unidade - para que esse convidado pudesse desenvolver seus desenhos com os meninos. E foi a primeira vez que um adolescente, mesmo presente em outros momentos, se mobilizou a participar, sendo fortemente sustentado por esse convidado, lhe dizendo que o que ele tinha para contribuir era importantíssimo para o produto final da obra. Ao receber esse cuidado e ficar satisfeito com a atenção que lhe foi endereçada, o adolescente se sente seguro e acolhido, integrado ao ambiente, em que, na sustentação de sua subjetividade, foi possível dar continuidade ao ser, operando no ambiente que lhe foi apresentado. (WINNICOTT,1945/1978)

A parceria com a gestão da escola e com os socioeducadores sempre foi de extrema importância para desenvolver alguns projetos que tínhamos desejado em conjunto com os grupos de adolescentes, visto que, quando é possível a flexibilidade no processo de atendimento e acompanhamento do adolescente, reformulando sempre que possível essas ações, na escuta de suas demandas, as novas atividades passam a ter um outro significado, levando em conta as relações desse sujeito com o mundo, considerando sua subjetividade, história e desenvolvimento psicossocial. (RIBEIRO, TOROSSIAN, 2019). Por isso, a partir de 2017, as atividades seguiram com os adolescentes, contudo, o grupo se dedicou a uma maior aproximação com a gestão da escola, a qual sempre foi muito importante para que o trabalho do projeto acontecesse, acolhendo nossas ideias e proporcionando material e espaço para o desenvolvimento das atividades. Os extensionistas também buscaram uma aproximação da equipe técnica e socioeducadores para melhor atender os adolescentes e buscar entender sobre a relação que existia entre a instituição e os adolescentes. Nesse período foi realizada uma devolutiva para escola e outros profissionais, apresentando alguns indicativos que pôde-se observar nesses encontros.

A construção do projeto de extensão em 2018: a Universidade vai até a Unidade Socioeducativa

Com o ingresso de duas integrantes das oficinas de criação na UFSM, uma como mestranda e outra como docente, as atividades passaram a ocorrer em formato de ações extensionistas e passaram a contar com os recursos da Universidade que possibilitaram, entre outras coisas, ampliar a equipe executora das atividades e o número de adolescentes acessados. Neste ano, as atividades foram desenvolvidas em uma sala localizada na escola anexa à instituição, às sextas-feiras, com duração de duas horas e meia, durante os turnos da manhã e

da tarde, contando com quatro grupos, sendo estes compostos de 4 a 8 adolescentes cada. Os grupos aconteciam quinzenalmente, e eram mediados por três integrantes da equipe, sendo uma psicóloga, acadêmica do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP/UFSM, e duas estudantes de psicologia da UFSM. Também faziam parte das oficinas, professores da escola Humberto de Campos, os quais colaboraram no desenvolvimento de cada oficina, trazendo questões relacionadas ao cotidiano e a rotina da escola, assim como, compartilhando as vivências da unidade socioeducativa.

As intervenções propostas pelas mediadoras seguiam ocorrendo através de recursos artísticos e pedagógicos, como músicas, teatro, dança, grafite, filmes, jogos, construção de revistas, roda de conversas, a fim de facilitar a interlocução entre adolescentes, mediadores e professores. Seguia-se valorizando a importância de oferecer um ambiente acolhedor e seguro para realização das atividades, compartilhamento de experiências, e para que a escuta fosse se tornando um preceito de construção de vínculo.

O espaço das oficinas continuava sendo construído na aposta e no investimento dos interesses e desejos manifestados pelos participantes. Em uma das primeiras oficinas realizadas, na busca por aproximação, uma das mediadoras observava um dos adolescentes na confecção de um filtro dos sonhos, objeto este que era ensinado por uma das agentes socioeducadoras e que, de costume, os adolescentes confeccionavam em seus dormitórios. Naquela ocasião, a atividade proposta para o grupo era um filme, contudo, o adolescente optou em seguir na produção do seu material, juntamente com uma das professoras que acompanhava a oficina. Ao perceber o interesse da mediadora em sua atividade, um diálogo se estabeleceu, que a seguir originou um convite do adolescente à mediadora para que tentasse elaborar um filtro dos sonhos. Esse relato busca demonstrar que é a partir destas trocas, do interesse e do investimento no desejo do adolescente que se estabelecem e se consolidam vínculos.

No decorrer das atividades, a partir destas apostas singulares, os adolescentes foram sentindo-se pertencentes ao grupo formado, viabilizando a fala e a escuta sem julgamentos de moralidade, o que posteriormente possibilitou que eles começassem a apresentar questionamentos, pontuações e falas, relacionadas às atividades, e se implicarem enquanto sujeitos ativos no processo das oficinas. Como mencionado, tanto em função da vivência dentro da instituição (CASE-SM e Escola), como também, de questões de vida pessoal.

Após o estabelecimento do vínculo entre extensionistas e adolescentes, as propostas consolidaram-se em espaços de escuta e trocas. Com isso, as atividades se direcionaram para que os adolescentes pudessem pensar a constituição e execução das oficinas, a partir da criação de regras em jogos, confecção de materiais, sugestões e indicações de atividades, músicas,

filmes e documentários, brincadeiras e demais atividades que contemplasse a todos. Além disso, ao longo das oficinas, os adolescentes puderam se reconhecer enquanto grupo, criando a própria identidade de seus grupos através de símbolos e nomes atribuídos a cada turma. Inspirados no filme "Os guardiões das galáxias", que aborda a importância do trabalho coletivo e em equipe, um dos grupos construiu uma bandeira que representava seus integrantes. Cada adolescente pôde contribuir, expressando-se através de frases, desenhos ou auxiliando na execução da pintura da bandeira.

Ao longo do ano de 2018, diferentes trabalhos foram sendo constituídos juntos a escola, como por exemplo, pensar a formatura escolar dos adolescentes ao final do ano. Nesse sentido, a busca pelo vínculo familiar, inclusive da participação da família em algumas atividades, começou a ser abordada. Nessa elaboração, os impasses se tornaram evidentes, pensando na relação e possibilidade trazidas nos grupos e as regras institucionais que se apresentavam em algumas ações como impeditivos. Essa relação da escuta e da realização dos grupos com as regras institucionais do CASE-SM, sempre estiveram presentes. Se deparar e escutar o funcionamento institucional e a maneira como isso intervia nos grupos sempre se apresentou como um desafio na elaboração das atividades e da própria escuta dos adolescentes.

Visto as dificuldades impostas pela dinâmica institucional para realizar a Formatura dos adolescentes, outras possibilidades começaram a ser pensadas no espaço das oficinas. Levando em conta os princípios apresentados pelos documentos legais mais recentes, como a autonomia dos adolescentes em seu processo socioeducativo e a inclusão da gestão democrática nas instituições, pensou-se na construção coletiva de um evento onde os adolescentes pudessem expressar-se através da arte e estivessem implicados desde a idealização até o planejamento da infraestrutura, sonorização, decoração, alimentação, cerimonial e espetáculos artísticos.

Assim, foram organizados grupos de trabalho, compostos pelos adolescentes participantes das oficinas, professores da escola e integrantes da REDIJUV. Os GTs eram divididos de acordo com a área de maior interesse dos adolescentes, e foram organizados da seguinte maneira; GT da Infraestrutura, responsável pela escolha do local do evento na instituição, sua locação e organização de mesas e cadeiras; GT da Sonorização, responsável pelos equipamentos de som (caixa de som, microfone, projetor), seleção das playlists de música, cobertura fotográfica e DJ no dia do evento; GT da Decoração, responsável pela escolha e confecção de materiais para a ornamentação do evento; GT da Alimentação, encarregado pelo planejamento e execução do cardápio; e GT do Marketing, responsável pela divulgação, assim como incumbido pela realização do cerimonial no dia do evento.

A partir desta distribuição, todos os adolescentes que desejaram estar envolvidos no processo de construção do evento investiram e trabalharam para a sua realização. Foram em torno de dois meses para se pensar, planejar e executar a "I Mostra de Talentos do CASE/SM", sendo reservado sempre um momento nas oficinas semanais para tratar do assunto. No dia do evento, os adolescentes apresentaram produções artísticas, como teatro de Natal, performance com a música *"Indestrutível"*, de Pabllo Vittar, além de apresentações musicais, de rap e rimas, que foram ensaiadas em momentos disponibilizados pelos professores em suas aulas, assim como nos próprios dormitórios dos adolescentes. O evento contou com a presença de convidados como, a diretora da unidade, professores, técnicos, agentes socioeducadores e integrantes da REDIJUV. A realização deste foi um momento marcante na trajetória das oficinas com os adolescentes, assim como um importante momento de afirmação da relação entre as instituições socioeducativa e universitária.

A continuidade do projeto em 2019 – os adolescentes vão à Universidade

No ano de 2019, as oficinas continuaram acontecendo no sentido de promover um ambiente de escuta aos adolescentes, contando, para isso, com a inserção de mais extensionistas. Com novos olhares para a proposta que já vinha sendo desenvolvida, o grupo se deparou com questionamentos e reflexões constantes quanto aos encontros, bem como em relação às possibilidades de adaptar as oficinas conforme eram observados obstáculos ou novas demandas. Ainda, foram construídas possibilidades de intervenção que ultrapassaram o espaço físico do CASE-SM, passo importante para fortalecer o projeto enquanto extensão universitária, ou seja, como estratégia para o estabelecimento de uma relação dialógica e articulada entre Universidade e comunidade, e, neste caso, mais especificamente, de uma aproximação dos adolescentes com o ambiente universitário.

Reflexo dessa ampliação com relação às atividades pode ser visto, por exemplo, na realização de uma oficina de origami 3D durante a 46ª Feira do Livro da Cidade de Santa Maria, a qual foi planejada e organizada a partir da demanda apresentada pelos adolescentes. Este momento foi repleto de significados, pois proporcionou a saída de alguns adolescentes do CASE-SM e seu contato com a comunidade, além de ter reforçado o interesse do projeto em investir na autonomia dos participantes, que tiveram a oportunidade de ensinar suas técnicas e de conversar com as pessoas que circulavam pelas tendas da feira. A participação na feira também envolveu o lançamento do livro de um egresso do sistema socioeducativo que, durante o cumprimento de sua medida, escreveu poesias, e que tem sua história contada em capítulo

específico desse livro, cujo título é “A garantia de direitos humanos no contexto socioeducativo: Uma história de poesias, sonhos, resistências e investimentos coletivos”.

Além do lançamento do livro para a comunidade na Feira, posteriormente houve um momento de encontro do autor com os adolescentes dentro do CASE-SM, que tiveram a oportunidade de acessar os poemas, conversar sobre as leituras e encontrar inspiração. Este encontro também envolveu profissionais da instituição, como por exemplo, uma professora que, anos atrás, enquanto o autor do livro cumpria medida socioeducativa, havia recebido dele uma carta de agradecimento que reconhecia a importância de suas aulas. A professora levou essa carta e leu durante o encontro, revelando que ela era uma fonte de inspiração e motivação para seu trabalho na Unidade, o que foi muito emocionante para todos.

Outro momento muito significativo, na mesma época, e em parceria do projeto com o evento literário já mencionado, foi a visita da repórter e escritora Eliane Brum, autora de livros que, dentre outras temáticas, trazem reflexões sobre juventudes, vulnerabilidades e realidades que, de alguma forma, acabam remetendo também às vivências dos adolescentes. Ao encontrar com estes meninos em cumprimento de medida socioeducativa, a escritora utilizou a leitura como estratégia para proporcionar um espaço de trocas entre os participantes da atividade, em consonância com as propostas da REDIJUV no que se refere ao reconhecimento da importância da escuta sensível.

No decorrer do ano, outras atividades também se destacaram. Como os encontros com os adolescentes sempre foram planejados e organizados conforme o grupo observava a necessidade de abordar determinados temas, em certo ponto consideramos que seria pertinente trabalhar sobre dispositivos artísticos, de saúde, de educação, dentre outros que constituem uma rede nos territórios, e que são importantes para que os adolescentes tenham acesso aos seus direitos, como por exemplo, o atendimento à saúde, os estudos e outros fatores necessários ao desenvolvimento. O grupo criou então, a “dinâmica das portas”, que se tratava de uma atividade na qual os participantes ficavam de frente para três portas (desenhadas e recortadas em papel pardo e coladas na parede da sala), podendo escolher uma delas para abrir. Ao abri-las, se deparavam com colagens que faziam referência a locais como Unidade Básica de Saúde (UBS), teatro, escola, profissionais como psicóloga e professora, atividades como dança, hip-hop, dentre outros.

A ideia inicial era que os adolescentes falassem sobre estes elementos constituintes da sociedade, se os acessam, se consideram importantes, como se dá a relação deles com estes diferentes dispositivos e pessoas. Porém, conforme eles foram interagindo, mostraram-se curiosos quanto ao que tinha atrás de todas as portas, e deram um novo direcionamento à

dinâmica, definindo, então, que cada porta indicaria um valor que eles dão aos elementos representados. Uma porta seria usada para eles colarem aquilo que é importante, outra para colarem o que não é importante, e a última para que fosse colocado aquilo que não fazia diferença, de acordo com a avaliação do grupo. Assim, foi percebido que muitas ferramentas e dispositivos de garantia dos direitos de crianças e adolescentes não faziam parte da realidade dos meninos. Por exemplo, eles não tinham conhecimento de que poderiam ir até uma UBS para solicitar atendimento. Também mostraram que certos espaços culturais, como o teatro, estão distantes de suas realidades. Assim sendo, considerando a proposta geral do projeto e, em consonância com o que é pretendido pelo Observatório de Direitos Humanos, a atividade se fez fundamental para identificar possíveis lacunas quanto à compreensão dos adolescentes no que se refere aos direitos humanos. Mais que isso, possibilitou trabalhar com os participantes da oficina, os direitos garantidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tais como aqueles referentes à saúde, alimentação, educação, lazer, cultura, liberdade, convivência familiar e comunitária, dentre outros (BRASIL, 1990), os quais eram desconhecidos ou pouco entendidos pelos meninos.

Também pôde-se resgatar alguns recursos que foram geradores de reflexões e potencializadores dos vínculos entre oficineiros e adolescentes, como por exemplo, o cinema. Conforme apontado por Barbosa (2018), nossa sociedade é audiovisual, no sentido de que faz parte do nosso cotidiano acessar a realidade do mundo pela via das representações ou imitações transmitidas através das telas. Assim, ferramentas como o cinema, de acordo com Fresquet (2017), nos auxiliam a ver o que está "fora", mas também o nosso interior. Em algumas oficinas, os adolescentes solicitaram que fossem passados alguns filmes, como por exemplo, o filme nacional intitulado "Era uma vez...", que fazia os meninos falarem, da sua maneira, sobre a vida nas periferias e sobre o amor. O filme, lançado em 2008, retrata a história de paixão entre pessoas de mundos contrastantes, um menino da favela e uma menina de família rica. Perto do fim, o filme é trágico, e nessa parte os adolescentes tendiam a demonstrar desconforto – às vezes, até mesmo se negando a ver a cena e o restante da história.

Não só este, como outros filmes, se mostraram importantes na abertura ao diálogo e às trocas de vivências entre os participantes das oficinas. Alguns assuntos, mais delicados, que dificilmente eram ampliados nas oficinas, acabavam sendo abordados e desenrolados a partir destes dispositivos cinematográficos. Especificamente no exemplo referido, considera-se relevante utilizar recursos audiovisuais como acessórios no processo de refletir sobre temáticas que perpassam o desenvolvimento humano, como é o caso do amor, que, de acordo com Braz (2006), participa de forma ativa na estruturação da personalidade, permitindo que cada

indivíduo se aproxime de sua essência e, ainda, propiciando o desenrolar das relações sociais. Em consonância com esta perspectiva, Santos, Custódio e Dias (2017) complementam que as relações amorosas têm importância na adolescência, e experiências românticas, sejam elas reais ou fantasiosas, permitem que o jovem desenvolva percepções distintas de si e nas relações entre pares e grupos. Assim, é fundamental que este e outros assuntos sejam abordados, de alguma forma, nos encontros com os adolescentes, que muitas vezes não conseguem expressar seu interesse em dialogar sobre questões cotidianas aparentemente mais sensíveis, mas que, diante da possibilidade, refletem a respeito e se deparam com conflitos, sentimentos e experiências relacionadas ao seu desenvolvimento.

Neste mesmo sentido, foram percebidos como potentes alguns momentos em que os grupos optaram por não realizarem as atividades propostas para as oficinas do dia. Em vez da dinâmica pensada pelos extensionistas, os meninos solicitaram, por exemplo, que pudessem jogar xadrez. Durante as partidas, os participantes conversavam sobre diversos assuntos relacionados às suas vidas, o que também nos colocava diante de muitas reflexões, questionamentos, e temáticas que eram discutidas espontaneamente, mas que faziam muito sentido para aqueles que estavam envolvidos naquele momento. Era dessa forma que, muitas vezes, nosso grupo conseguia perceber quais assuntos poderiam ser de maior interesse e utilidade, bem como aqueles que deixavam os meninos menos implicados. Nestes momentos, ainda, era comum que algum adolescente se afastasse um pouco do restante do grupo e começasse a falar sobre questões mais pessoais com algum dos extensionistas. Assim, com dinâmicas flexíveis e considerando a complexidade que era oferecer aquele espaço de escuta, o vínculo cresceu cada vez mais com os adolescentes, partindo da compreensão de que há certa transitoriedade na adolescência, no sentido de que se trata de um período de descoberta, conforme Winnicott (1999), no qual cada pessoa está empenhada em uma experiência vital e no estabelecimento da identidade, e, por isso, as atividades e assuntos propostos ora fazem sentido, ora já não fazem mais.

Ainda em 2019, foi trabalhado a história do hip-hop, músicas, jogos envolvendo curiosidades e conhecimentos gerais, dentre outros elementos. A cada semana, o interesse dos adolescentes parecia se manter ou aumentar, o que tornava muito significativo tudo aquilo que estávamos nos dispondo a construir e planejar juntos. Resultado desta abertura às várias formas de interação e discussão foi a constatação de que o número de adolescentes foi aumentando de maneira significativa com o passar do tempo, colocando a questão da escuta e do incentivo à livre expressão e troca de experiências, dúvidas e perspectivas como algo diferente no cotidiano da Escola. Com isso, considera-se que seria fundamental pensar as atividades e compartilhá-las

com os servidores do CASE-SM e os professores que já faziam parte da atividade, incluindo estes atores na realidade das oficinas de intervenção psicossocial e mostrando as diversas possibilidades de interação e aproximação com os adolescentes. Ainda neste ano o grupo pode pensar em passeios para além dos muros da instituição e que os adolescentes pudessem se identificar de alguma forma, como por exemplo a visitação a Jornada Acadêmica Integrada (JAI), que ocorreu no campus da UFSM e contou com a exposição e apresentação de trabalhos de diversos nichos e interesses. A partir desta visitação à JAI, surgiu o interesse por conhecer mais do campus e do Jardim Botânico existente na UFSM, então como uma oportunidade inédita o grupo conseguiu a liberação de 5 adolescentes e 1 técnica para realizar uma visita coordenada no Jardim Botânico. Durante o passeio, além de conhecer diversas espécies de plantas e biodiversidade, foi realizado um piquenique para encerrar o momento.

2020: momento de resistir, ressignificar e criar novas formas de interação

Já no ano de 2020, algumas poucas oficinas ocorreram até acontecer o advento da pandemia de covid-19 que impossibilitou a continuação das oficinas de maneira presencial, a fim de seguir os protocolos de biossegurança e evitar a propagação do vírus. Um desafio colocado para que o grupo pensasse, então, uma maneira de continuar proporcionando um espaço de escuta e interação, onde os adolescentes continuassem com a possibilidade de apresentar seus discursos em função da sua vida, suas dúvidas, certezas, anseios, dentre outros fatores, como mencionado no início desse escrito. A questão de como possibilitar que as oficinas continuassem a ser um meio de escuta, porém de maneira não presencial, se apresentou como um desafio para quem estava pensando os grupos.

Como manter o contato com os adolescentes? Como apresentar o grupo de maneira não presencial a adolescentes que ingressassem no CASE-SM? Como possibilitar que, mesmo sem a presença física, os grupos continuassem sendo um lugar de escuta? Questões que se apresentaram no grupo com a pandemia e a não possibilidade de voltar presencialmente ao CASE-SM e à Escola. Diante disso, a REDIJUV desenvolveu uma atividade de envio de cartas para os adolescentes. Foi pensado, então, em primeiro momento, apresentar a proposta através das cartas como uma alternativa de comunicação entre o grupo e os adolescentes para que a escuta continuasse acontecendo. Sabendo que não da mesma maneira, porém com os entraves que estavam sendo sentidos e colocados, também considerados dentro da atividade do envio das cartas. Através do envio das cartas, as respostas dos adolescentes que aderissem, por vontade, à escrita, seria respondido de maneira individual, mantendo um contato semanal.

A adesão à atividade foi acontecendo de maneira gradual. Da mesma maneira que no início dos grupos, a escuta delineou o desenvolvimento das atividades, nesse momento o envio das cartas significou certo recomeço. Recomeço metodológico pela nova maneira de contato, porém com a vivência desses anos de grupo sendo considerados para iniciar essa nova etapa. Cabe mencionar que, durante a realização dos grupos presenciais, a escrita era uma ferramenta utilizada em algumas propostas que surgiam dos adolescentes, sendo certa continuidade também com relação aos grupos que já aconteciam. Vale ressaltar também que a escrita de cartas já é uma alternativa de comunicação presente no cotidiano dos adolescentes do Case, pois estes muitas vezes se comunicavam com seus familiares, amigos e namoradas através de cartas.

Em um primeiro momento, obtivemos poucas respostas. Os adolescentes estavam encontrando alguma perspectiva para utilizar as cartas como algo interessante. Da mesma maneira, o grupo da REDIJUV também pensava como fazer das cartas algo interessante para que esses adolescentes se sentissem ouvidos. Com isso, algumas respostas foram sendo feitas e as conversas começaram a acontecer. Toda semana, como mencionado, eram construídas uma carta coletiva para todos os adolescentes e as cartas individuais quando havia resposta.

No decorrer do tempo, os adolescentes começaram a aderir mais à atividade, aumentando o número de adolescentes que respondiam as cartas. A conversa continuou e os desafios também. Algumas questões institucionais começaram a se atravessar, algumas respostas esperadas não aconteciam e o grupo da REDIJUV não sabia o que havia acontecido com o adolescente. Se a resposta não veio por opção de não escrita, se não aconteceu por alguma medida dentro do CASE-SM, se o adolescente não estava mais na instituição. Diversos desafios colocados e presentes no escrever das cartas de maneira semanal.

O contato com os adolescentes e até mesmo a possibilidade de repassar as respostas ao grupo da REDJUV, aconteceram através das técnicas da instituição, principalmente a enfermeira e a psicóloga. Com esse contato, foi pensado em reuniões que possibilitassem colocar essas questões anteriormente mencionadas e, assim, ir pensando na atividade de uma maneira interessante para os adolescentes. Em meio a tantas incertezas e questionamentos sobre a funcionalidade das cartas, o grupo conseguiu propor uma atividade diferente de forma virtual. A feira do livro da cidade de Santa Maria ocorreu de forma online em 2020, tendo como um dos eventos o lançamento do segundo livro de um dos integrantes da REDIJUV e egresso do CASE, o qual pode ser realizado por meio de videochamada para alguns adolescentes e técnicos da instituição. Esse foi um momento dos extensionistas se reinventarem com o fazer psi e pensarem em novas possibilidades de intervenção, que talvez em outros momentos não teriam

sido consideradas. A construção da proposta das cartas acontece dia após dia, em cada resposta recebida, no silêncio das não-respostas, nas histórias e desenrolar das linhas e em cada palavra dita que se faz um novo jeito de estar presentes de alguma forma no cotidiano dos adolescentes.

Considerações Finais

Este capítulo apresentou a história do desenvolvimento de um projeto de extensão que busca desenvolver oficinas de intervenção psicossocial com adolescentes privados de liberdade, incluindo a pré-história do projeto. Em linhas gerais, as atividades do projeto buscaram enfrentar o desafio de acessar os adolescentes, instigar reflexões sobre suas histórias de vida e mobilizar a construção de projetos de vida desvinculados do conflito com a lei. Para isso, tem se buscado explorar ao máximo as possibilidades de articulação entre Universidade e Socioeducação, o que tem se mostrado muito potente.

Já na pré-história do projeto, a universidade aparece como espaço de pertencimento de egressos do sistema socioeducativo, cujas histórias mobilizaram reflexões e mostraram de forma concreta que a educação é um caminho para a superação do conflito com a lei. Com a formalização do projeto de extensão, os laços entre a universidade e os adolescentes se estreitam, ampliando possibilidades de interação com a inserção de graduandos e pós-graduandos nas atividades desenvolvidas na Unidade Socioeducativa. O ano de 2019, especialmente, foi marcado pela presença dos socioeducandos em espaços da Universidade, o que foi decisivo para consolidar a ideia de que é possível e potente investir em Educação. Em 2020, a pandemia de Covid 2019 limitou nossa mobilidade e possibilidade de contato presencial, mas possibilitou que a aposta inicial do projeto, que envolvia a escrita de diários, já até esquecida, finalmente pudesse acontecer, mas então sob a forma de escrita de cartas.

Espera-se que o conteúdo deste capítulo, em que buscou-se narrar o movimento das propostas em toda sua vitalidade, possa servir de inspiração para outras propostas de investimento no campo da socioeducação que contribuam para que os adolescentes tenham seus direitos garantidos para além do papel. Em 2021, o grupo segue com as atividades remotas, mantendo o contato e o vínculo por meio de trocas de cartas. As palavras que que são trocadas materializam o investimento feito pelo grupo nos adolescentes, na Socioeducação e na Universidade, dão testemunho da capacidade criativa e mantém viva a esperança pela retomada dos encontros presenciais no futuro.

Referências

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (Org.). **Oficinas em Dinâmica de Grupo na Área da Saúde**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 389.

AZEVEDO, Cinthya Rebecca Santos; AMORIM, Tâmara Ramalho de Sousa; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. Adolescência e Ato Infracional: violência institucional e subjetividade em foco. **Psicologia:Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 579-594, set.2017. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000300579&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 mar. 2020

BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes. **Cinema no contexto escolar**: por uma pedagogia da criação. Dissertação (Mestrado em Artes) - Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, Universidade Federal da Paraíba. 123 f. João Pessoa, 2018. Disponível em https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/6635/DIOGO_BARBOSA____PROFARTES_UFPB_15561141856324_6635.pdf. Acesso em 05 jun. 2021.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 05 jun. 2021.

BRAZ, Ana Lúcia Nogueira. Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. **Psicol. Am. Lat**., México, n. 5, fev. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 jun. 2021.

FRESQUET, Adriana. **Reflexões sobre algumas experiências de cinema e educação**. In: Fresquet, Adriana. Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RIBEIRO, Maria Dornelles de Araujo; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian. **"Anões Crescidos": a adolescência e a psicanálise na socioeducação**. In: Gurski & M. R. Pereira (Orgs.) Quando a psicanálise escuta a socioeducação. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019 (pp. 187- 199).

GURSKY, Rose; STZYKALSKI, Stéphanie. **"Não fui eu: abandono escolar, ato infracional e mortalidade juvenil no Brasil"**. In: Gurski & M. R. Pereira (Orgs.) Quando a psicanálise escuta a socioeducação (pp. 187- 199). Belo Horizonte: Fino Traço. pg. 73 - 85

NASIO, Juan-David. **Como agir com um adolescente em crise aguda? Conselhos práticos aos profissionais da adolescência.** in: Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais / J.-D. Nasio; tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Pg. 57- 86.

SANTOS, Renato Caio Silva; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto; DIAS, Murilo Barberini. O amor e os relacionamentos na adolescência: considerações psicanalíticas. **Psicologia.pt**, 2017. Disponível em https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1135.pdf. Acesso em 05 jun. 2021.

WINNICOTT, Donald, Woods. V- A criatividade e suas origens. in: **O brincar e a realidade**. Imago Editora LTDA, São Paulo, 1975.Pg.95- 120.

WINNICOTT, Donald, Woods, IV- O brincar: A atividade criativa e a busca do Eu (Self). in: **O brincar e a realidade**. Imago Editora LTDA, São Paulo, 1975.Pg. 79- 94.

WINNICOTT, Donald. Woods. **Privação e delinqüência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald. Woods. **Desenvolvimento Emocional Primitivo**, 1945. in: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro : F. Alves, 1978. pg. 269- 285.

CAPÍTULO 2
ARTIGO

A troca de cartas com adolescentes em medida socioeducativa como um processo constituinte de um possível corpo.

Sugestão de título resumido: Da escrita ao corpo.

The letter exchange with adolescents in social educational measures as a constitutive process of a possible corpus.

Short title suggestion: From the writing to the corpus.

El intercambio de cartas con los adolescentes en una medida socioeducativa como proceso constitutivo de un cuerpo posible

Sugerencia de título resumió: De la escritura al cuerpo

Resumo

Este artigo teve como objetivo analisar o processo de troca de cartas realizado entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade que estavam cumprindo medida socioeducativa durante a pandemia da Covid-19. Buscou-se compreender este processo a partir do referencial teórico psicanalítico, considerando as noções de escrita, agressividade e corporeidade em psicanálise. Uma repressão no vazio se evidenciou nas cartas, que eram tomadas de literalidade discursiva. A repressão presente no cotidiano do adolescente na instituição era apresentada nas cartas através dos elementos de fugir, de morrer e de impossibilidade de construção narrativa em um cenário de esvaziamento dos recursos de simbolização. Nesse intuito que a agressividade surge nos adolescentes como tentativa de resposta ao vazio. O processo contínuo de troca de cartas, nesse contexto, se tornou uma atividade de estímulo e suporte à construção de narrativas e registros pelos adolescentes, proporcionando um espaço para elaboração através da escrita. A elaboração de narrativas singulares de cada adolescente por meio das cartas também ofereceu continente para a corporeidade. O corpo, então, se apresentou como um elemento de análise através dos riscos e rabiscos presentes nas cartas, pois as escritas, os desenhos, os poemas, as músicas, dentre outros fatores, se tornaram elementos que possibilitaram a construção simbólica e imaginária de um possível corpo adolescente no cotidiano da instituição. Elementos como desmonte corporal, relações entre o real do corpo com as possibilidades de construção imaginária e simbólica através do cotidiano se tornaram os elementos de análise nesse trabalho. Concluiu-se que as cartas passaram a ter um papel de bordeamento do vazio e do isolamento, pois a escrita das mesmas oportunizou a construção de novas possibilidades de existência em um cenário onde as esferas da corporeidade e da contenção das angústias incidiram diretamente no risco da letra e dos desenhos apresentados pelos adolescentes nas cartas.

Palavras-chave: Agressividade, Corpo, Escrita.

Abstract

This article aims to analyze the process of letter exchange between university student and adolescents in deprivation of liberty that were fulfilling social educational measures during the Covid-19 pandemic. We pursued to understand this process throughout the psychanalytic theorical reference, considering the notions of writing, aggressivity and corporeality in psychoanalysis. A repression in the void was identify in the letters, that were taken in its discursive literality. The repression present in the adolescent quotidian of the institution was presented in the letters throughout the elements like runaway, die and the impossibility of the

construction of a narrative in a scenario of emptiness of the symbolization recourses. The continuum process of letter exchange, in this context, became an activity of stimulus and support to the development of narratives and records by the adolescents, providing a space to the elaboration throughout the writing. The elaboration of singular narratives from each adolescent through the letters also offered a continent to the corporeality. Therefore, the corpus was presented as an element of analysis through the scratches and scribblings presents in the letters, because the writings, drawings, poems, music's, among other factors became elements that made it possible the symbolic and imaginary development of a possible corpus adolescent in the quotidian of the institution. Furthermore, elements as corporal disassemble, relations between the real of the corpus and the possibilities of imaginary and symbolic developments throughout the quotidian became the elements of analysis in this article. Therefore, is was concluded that the letters became to have an border role of the void and isolation, since the writing of them gave the adolescents an opportunity to develop new existence possibilities in a scenario where the spheres of the corporeality and of the angst contention concerns directly in the scratches of the letter and the drawings presented by the adolescents in the letters.

Keywords: Aggressivity, Corpus, Writing.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de intercambio de cartas entre extensionistas universitarios y adolescentes privados de libertad que cumplían una medida socioeducativa durante la pandemia de Covid-19. Buscamos entender este proceso desde el marco teórico psicoanalítico, considerando las nociones de escritura, agresividad y corporeidad en el psicoanálisis. La represión en el vacío era evidente en las cartas, que se tomaban como literalidad discursiva. La represión presente en la vida cotidiana del adolescente en la institución fue presentada en las cartas a través de los elementos de la fuga, de la muerte y de la imposibilidad de construcción narrativa en un escenario de vaciamiento de los recursos de simbolización. Es con esta intención que la agresividad surge en los adolescentes como un intento de responder al vacío. El proceso continuo de intercambio de cartas, en este contexto, se convirtió en una actividad de estímulo y apoyo a la construcción de narrativas y registros por parte de los adolescentes, proporcionando un espacio de elaboración a través de la escritura. La elaboración de relatos únicos de cada adolescente a través de las cartas también ofreció un continente para la corporeidad. El cuerpo, entonces, se presentó como un elemento de análisis a través de los arañazos y garabatos presentes en las cartas, pues los escritos, dibujos, poemas, canciones, entre otros factores, se convirtieron en elementos que permitieron la construcción

simbólica e imaginaria de un cuerpo adolescente posible en la vida cotidiana de la institución. Elementos como el desmontaje del cuerpo, las relaciones entre el cuerpo real con las posibilidades de construcción imaginaria y simbólica a través de la vida cotidiana se convirtieron en los elementos de análisis de este trabajo. Se concluyó que las cartas comenzaron a tener un papel de bordear el vacío y el aislamiento, porque la escritura de las cartas proporcionó una oportunidad para construir nuevas posibilidades de existencia en un escenario donde las esferas de la corporalidad y la contención de la angustia tuvieron un impacto directo en el riesgo de las cartas y los dibujos presentados por los adolescentes en las cartas.

Palabras-clave - Agresividad, Cuerpo, Escritura.

Introdução

> "Busco caminhos para descobrir qual é o meu corpo, agora que me ofertei em letras a um leitor desconhecido" (Brum, 2017, p. 16).

A crise sanitária mundial desencadeada pela pandemia da Covid-19, descrita como uma catástrofe de proporções humanitárias, sociais, econômicas, ao mesmo tempo que ecológicas e culturais, mobilizou alterações significativas em todos os âmbitos de existência. Assim como a dimensão da catástrofe remete ao campo da coletividade, a noção de trauma pode ser destacada em referência às experiências subjetivas (Birman, 2020). Em uma perspectiva psicanalítica, considera-se especialmente pertinente a produção de textos e de dispositivos que possibilitem colocar em palavras o irrepresentável das experiências traumáticas (Fortes, 2021).

A esse respeito, o trabalho de pesquisa que tem buscado colher relatos de sonhos durante a pandemia mostra-se particularmente inspirador, pois aposta na função coletiva do sonho e do sonhar, investindo no relato dos sonhos como um caminho para a produção narrativa (Gurski & Perrone, 2020). As narrativas permitem o registro e a produção de memórias, revelando singularidades pelo modo como cada sujeito narra e constrói suas histórias, as quais abrem espaço para a construção do Eu em interlocução com os fenômenos sociais (Worcman & Costa, 2017). Na adolescência, tomada como um tempo de elaboração tanto da própria castração como da castração do Outro, o escrito pode oferecer o caminho para a simbolização e funcionar como um contingente (Alberti, 2009).

Diante das alterações desencadeadas pela pandemia da Covid-19, a produção de narrativas foi a direção adotada por um grupo de extensionistas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) para dar continuidade às ações que eram desenvolvidas junto a adolescentes que estavam privados de liberdade para cumprimento de medida socioeducativa. Essas ações iniciaram no ano de 2018 e ocorriam presencialmente, com frequência semanal, até março de 2020, quando foram interrompidas em decorrência da suspensão das atividades presenciais pela UFSM. Tal interrupção fez com que se questionasse quais eram as possibilidades de intervenção e de relação com os adolescentes no novo contexto pandêmico. A utilização das tecnologias de informação e comunicação foram os principais recursos para manutenção das atividades acadêmicas e profissionais em formato remoto, porém esse recurso não estava à disposição para os adolescentes que se encontravam privados de liberdade. Surgiu então a ideia de elaborarmos um processo de troca de cartas com os adolescentes, para que, através da escrita, fosse possível uma tentativa de manutenção do vínculo e do trabalho que era

desenvolvido até então. A troca de cartas foi considerada uma possibilidade em função de que a escrita de cartas já era uma atividade valorizada pelos adolescentes, que costumavam se corresponder com familiares, amigos, namoradas e outras pessoas significativas durante a institucionalização, tendo tomado os próprios extensionistas, em alguns momentos, como destinatários de algumas cartas. Assim, apostava-se na possibilidade de que a troca de cartas oportunizaria aproximação em um contexto de distanciamento físico, partindo-se da tentativa de colocar no papel aquilo que vinha incidindo nos/com os adolescentes - e com os próprios extensionistas.

Passados dois anos do início dessa aposta, buscou-se tentar compreendê-la, ainda que parcialmente, considerando o movimento realizado, tanto em referência ao convite endereçado aos adolescentes para a participação na atividade, como também, pelo aceite ou não dos adolescentes em participar, lendo e/ou escrevendo. Nossa suspeita é a de que as cartas passaram a ter um papel de bordeamento do vazio e do isolamento pois, através da escrita das mesmas, se tentou construir novas possibilidades de existência, em um cenário onde as esferas da corporeidade e da contenção das angústias estavam em xeque. Como mencionou Eliane Brum (2017), ao se fazer expressar através de seu livro, a escrita pode possibilitar dar um novo corpo à angústia. Nesse sentido, a escrita e o corpo, então, ganham relação, quando há a possibilidade de ir riscando – escrevendo, desenhando, dentre outros rabiscos – no papel a busca pela existência de um corpo possível.

Nesse viés, este artigo faz uma análise desse processo de troca de cartas buscando considerar a noção de corpo no sujeito trabalhado pela psicanálise lacaniana, juntamente com o escrito enquanto perspectiva de criação e constituição de um corpo narrado. Assim, esse próprio escrito de análise do processo busca estabelecer uma corporeidade: Corpo esse marcado pela apreciação de como as trocas de cartas possibilitaram uma interlocução e um espaço para os adolescentes buscarem um corpo simbólico possível frente às demandas do cotidiano na instituição em um contexto pandêmico.

Para isso, buscou-se na teoria psicanalítica o embasamento teórico e técnico para análise do processo de troca de cartas. Dessa maneira, os aspectos trabalhados por Lacan (1998b) em textos e seminários sobre a relação entre letra e corpo, ofereceram embasamentos para buscar entender a relação do corpo com o funcionamento da instituição, juntamente com o estabelecimento de atos dos adolescentes em função da própria escrita/troca de cartas. Iremos destacar também a maneira como Lacan (1998c) buscou mencionar os aspectos simbólico, imaginário e real, na constituição de um corpo do sujeito e as possíveis relações sociais que esse sujeito estabelece na interação com os outros e um Outro.

Com isso, passa-se a considerar que a atividade de troca de cartas com os adolescentes possibilitou uma constituição corporal através da escrita. Cabe mencionar que a atividade não foi proposta diretamente para estabelecer um corpo de relações pela própria atividade, mas por meio da possibilidade do adolescente se colocar nas cartas e na relação com os extensionistas, tratando-se então de um corpo a ser apresentado e questionado pelo adolescente na vivência cotidiana da instituição.

Além disso, a obra autobiográfica da escritora Eliane Brum (2017), que narra sua história com as palavras, é tomada como referência e inspiração para análise dos processos de construção de narrativas por meio das trocas de cartas. Brum (2017) coloca a escrita como um estilo de vida e construção de si. Assim, a presença do corpo como um meio de constituição do Sujeito de desejo foi o caminho da escrita que buscou fazer a análise das trocas de cartas com os adolescentes.

Método

A troca de cartas entre extensionistas e adolescentes foi uma ação elaborada e desenvolvida a partir de maio de 2020. A cada semana, era enviada uma carta geral escrita pelo grupo de extensionistas a todos os adolescentes que estavam na instituição. Com a resposta de algum adolescente, um extensionista do grupo se tornava responsável em continuar um diálogo de forma mais individualizada. A escolha de quem iria se relacionar com qual adolescente foi baseada na transferência que se estabelecia com cada carta/sujeito, considerando também o desejo de cada extensionista em intervir e participar de tal processo. Assim, foi possível estabelecer uma troca direta e singular entre adolescente e extensionista, possibilitando encontros semanais através desse recurso.

É importante destacar que o processo de interlocução com os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas por meio das cartas foi possível devido ao percurso histórico do grupo de extensionistas, considerando assim que os adolescentes já possuíam um conhecimento prévio acerca dos extensionistas e das atividades que já eram realizadas na instituição pelo grupo, facilitando em certa medida a comunicação e a implicação dos mesmos em se comunicarem.

Antes da pandemia, as intervenções realizadas abarcavam rodas de conversa, atividades lúdicas e interação por meio de disparadores musicais, visuais, entre outros, com o objetivo de construção colaborativa de um espaço de compartilhamento, de fala e escuta entre os participantes. Além disso, a escolha da interlocução através de cartas não foi aleatória, uma vez que foi considerada a predisposição dos adolescentes à escrita e ao desenho, uma vez que, nas

atividades presenciais realizadas antes da pandemia, os mesmos já apresentavam interesse em se expressar através de cartazes, riscos, grafites, tatuagens e outros elementos que consideravam a existência de um traço e de uma possibilidade de historicização através da escrita.

Desse modo, o processo de troca de cartas ocorreu semanalmente, e permanece ocorrendo, sendo destacado nesse trabalho o processo realizado no período de 12 (doze) meses após o início das atividades. Assim, para este artigo, foram consideradas a troca de 80 (oitenta) cartas, com 5 (cinco) adolescentes diferentes e a análise destes documentos/registros se deram a posteriori.

Para a realização da análise desse processo de troca de cartas, o desafio metodológico que se apresentou foi sustentar a posição de análise psicanalítica sobre a atividade. Com isso, buscou-se entender e sustentar através da leitura das cartas os conceitos mencionados - escrita e corpo - no enfoque da intervenção realizada. É dessa maneira que a metodologia adotada para a análise deste trabalho perpassa os preceitos trabalhados por Dunker, Paulon e Ramos (2017) em "Análise Psicanalítica de Discursos Perspectivas Lacanianas". Baseados na premissa de Lacan de que não há metalinguagem, os autores fazem um trabalho de desenvolvimento metodológico com o intuito de demonstrar alguns pontos que se tornaram importantes nesse trabalho. O primeiro deles se refere a um caminho traçado pelo pesquisador na construção de seu texto, voltado para a caracterização singular trazida na constituição do trabalho.

Outro ponto que iremos utilizar na análise das cartas é o conceito de "ancoragem de representação", que foi trabalhado por Ian Parker (2014). Com esse pensamento, Parker (2014) menciona que a história da teoria monta o caminho de intervenção proposta por quem realiza a pesquisa. Há, portanto, uma base epistemológica que embasa a concepção de escrita e corpo que guiará a investigação e a análise das cartas. Além disso, iremos fazer uso do que Cuéllar (2014) apresenta como o trabalho da construção do método de análise de discurso utilizando-se da teoria lacaniana, em função da palavra e da linguagem, onde a linha de análise perpassa pelo que "se diz e da maneira que se diz, e não do que tudo isso supostamente quer dizer" (Cuéllar, 2014, p.194).

A análise do processo de troca de cartas com os adolescentes buscou, através da construção constituinte do material de pesquisa, a elucidação desses pontos estruturados e barrados, trazidos nos atos de discurso sobre as ações em função daquilo em que o adolescente escreve, para a construção de um pensamento sobre a questão da corporeidade e da própria escrita, pelo viés da psicanálise. Os pontos que fazem entrave na elaboração dessa análise se tornam fundamentais para interpelar aquilo que Cuèllar (2014) direciona como verdade sintomática do discurso. É com essa verdade que o inconsciente surge como a intencionalidade

do sujeito - desejo e satisfação da pulsão - que torna a realizar costuras nessa verdade na realização do discurso "que faz das formações do inconsciente não apenas um saber que não se sabe, mas também, um fragmento de verdade que não pode ser reconhecido" (Dunker, Paulon & Ramos, 2017, p.140).

Essa perspectiva, como menciona Cuèllar (2014), atrelada às concepções lacanianas de formação do sujeito, busca sentir nos textos os significantes e as marcas que denotem indícios de repressão. Assim, sendo construída através da busca pela verdade, as noções de escrita e corpo nesse trabalho tomam referência justamente com essa estrutura apresentada pelos autores Dunker, Paulon e Ramos (2017). Isso, pois há sempre algo que falta na constituição da resposta trabalhada pela linguagem. Mais do que um caminho determinado e constituído de uma verdade interpretativa, a hipótese trazida da relação entre escrita e corpo possibilita pensar uma possível busca da produção de um registro com os adolescentes.

O desafio, então, perpassou em fazer a análise da corporeidade presente em função da escrita nas trocas das cartas. As seguintes questões demonstram o desafio do trabalho e teceram os caminhos das análises realizadas: Foi possível perceber a presença de um corpo nessa interlocução das trocas de cartas? Qual corpo está se falando? Riscos e rabiscos, nesse registro, possibilitaram trazer e analisar a constituição de um corpo? O corpo é do indivíduo na escrita ou acontece na interlocução?

A escrita como tentativa de corporeidade em um ambiente de confinamento

Na troca de cartas com os adolescentes percebeu-se a noção de corporeidade como um elemento significativo no campo da abordagem das cartas. Nesse sentido, nossa proposta aqui possui justamente esse enfoque: desenvolver um pensamento sobre o corpo e a escrita como possibilidade de intervenção. Ou seja, interpelar se há algo de corporeidade que se constrói e se perde na escrita, juntamente com isso que se registra e constitui uma imagem de um corpo.

No entanto, para pensarmos a noção de corporeidade em relação à escrita, primeiramente se faz necessário avançarmos no que se entende sobre a relação entre corpo e agressividade, uma vez que esse conceito pode ser considerado um componente presente e insistente na produção de um corpo, possivelmente ressoando nos escritos dos adolescentes. Para tal, tomaremos como caminho os textos freudianos, destacando o encontro com a questão da agressividade em função do corpo e trazendo esta questão como um ponto a ser buscado e desenvolvido para realizar a articulação. Através disso, as perspectivas tomadas entre agressividade e corpo podem embasar o questionamento acerca da relação do seu

posicionamento da atividade de troca de cartas realizadas. Há, nesse caso, uma necessidade de desdobramento teórico para entender brevemente o atravessamento dessa temática – a agressividade – sobre o corpo.

Em "O Eu e o Id", Freud (1923) apresenta as instâncias psíquicas - Eu, Id e Supereu - e a articulação da pulsão de morte e pulsão de vida na equivalência ao sadismo e masoquismo na autoconservação e autodestruição, fazendo com que a leitura inquiete pela presença de agressividade nessa interação entre os elementos mencionados, apesar da não apresentação conceitual - nomeação direta - de agressividade no texto. Esse ponto se torna fundamental com a relação direta ao corpo: "A reflexão logo nos diz que o id é incapaz de viver ou experimentar vicissitudes externas senão através do Eu, que nele representa o mundo externo" (Freud, 1923, p.48).

Como menciona Freud (1923), o Eu assume para si a satisfação das pulsões do id, tomando apropriação nessa função. O Eu é tangenciado diretamente ao corpo que possui a demanda de lidar com as pulsões internas e a demanda referente às questões externas. "O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície" (Freud, 1923, p.32). Com isso, pode-se começar a pensar na relação existente entre a agressividade das pulsões e como isso se atrela ao corpo trabalhado por Freud (1923) como parte do Eu.

Na continuação da construção do conceito de agressividade em psicanálise, o texto de Birman (2009) se refere justamente a leituras pós-freudianas que abordam esse conceito como uma problemática da psicanálise. Na continuação do estudo, o caminho seguido pelo autor em analisar que nos textos de Freud a relação com o outro estava presente, a leitura lacaniana se faz valer na continuação e constituição da agressividade como um conceito fundamental em função do corpo.

> Nessa perspectiva, a instância narcísica do eu se ordenaria em torno de uma imagem especular; confirmada sempre pelo assentimento materno, que ofereceria assim uma espacialização para o corpo fragmentado e, além disso, uma primeira totalização do psiquismo. O infante aderiria, então, a essa referência espacial e especular para poder se proteger da sua fragmentação originária. Isso porque essa fragmentação é fonte permanente de terror e horror, constitutiva que seria a matriz dos fantasmas da morte do psiquismo. Em contrapartida, a totalização especular possibilitaria um continente para o psiquismo e o corpo, ao mesmo tempo que se oporia à dispersão originária. Disso resultariam a tensão e o conflito permanentes entre fragmentação e totalização, de modo que pela totalização o eu se afirmaria de maneira contínua contra a possível dispersão corporal. (Birman, 2009, p. 55)

Ou seja, como menciona Birman (2009), a leitura lacaniana da pulsão de morte e da pulsão de vida, respectivamente, equivalem à ameaça ao corpo fragmentado e ao corpo especularizado. Discurso freudiano endereçado no campo da pulsão e representação, enquanto o lacaniano no registro da pulsão e da imagem. Uma passagem que se apresenta importante na constituição da agressividade em função do corpo.

"Um homem é seu corpo" (Kehl, 2004. p.10). É com essa perspectiva, na relação trazida com o conceito de agressividade, que o corpo colocado do adolescente na instituição se apresenta como um fator importante a ser questionado na atividade de troca de cartas. O fator repressivo, o confinamento e o espaço esvaziado de sentido, dentre outras questões, posicionam o adolescente a colocar a instituição no campo da punição propriamente dita.

Diante disso, coloca-se a necessidade de abrir um espaço no confinamento, marcado pela negação da presença. Buscando o conceito de Goffman (1974) de instituição total, o confinamento dos adolescentes estava colocado em um vazio totalizante, em um vazio total que não abriria espaço para produção de sujeito, ou seja, haveria a busca por abrir um espaço para a produção do adolescente como sujeito por meio da atividade de troca de cartas. Denotando a presença da agressividade ou intenção agressiva frente ao confinamento, as ações descritas nas cartas dos adolescentes podem ser pensadas nesse contexto: “Penso em fugir”, “Penso em me matar”, “Sair daqui”, “É só isso”, são fragmentos que exemplificam a presença da agressividade discursiva.

“Sempre e nunca, palavras totalizantes que sentam sobre minhas frases. Proibidas no jornalismo, porque impossíveis. Em mim, elas dão conta de uma dramaticidade. Morrer sempre. Morrer nunca. Anulam-se as oposições, instala-se o drama” (Brum, 2017 p.11). O drama como possibilidade de abertura do literal, da literalidade presente na escrita dos adolescentes para a tentativa de elaboração de uma narrativa de suas histórias. Nas primeiras cartas, a estratégia, então, foi a de produzir um lugar para que os adolescentes pudessem se posionar a partir de uma produção discursiva. Como escrita e corpo, então, estão envolvidos?

Através de um risco.

O envolvimento do corpo se dá a partir de sua construção imaginária, que surge da ameaça do corpo despedaçado mencionado por Lacan (1998c). Essa ameaça do despedaçamento corporal se torna o risco da desmontagem imaginária do corpo. Pensando assim, pode-se atrelar este risco como um elemento (uma palavra) relacionado com a escrita: o

risco. Balançando entre o risco da ameaça de desmonte imaginário do corpo e o risco de construção feito no papel, esse elemento permeia a atividade das cartas.

O primeiro risco coloca a agressividade voltada à ameaça de desmonte imaginária do corpo completo. Foi possível perceber esta ameaça nas cartas, quando se notava nos adolescentes uma escrita literal de estar confinado, considerando isto como uma atualização pulsional das imagens que se deslocam e se perdem em um ambiente que o torna escravo da repressão. Nota-se nas cartas, o risco agressivo sem a possibilidade de elaboração imaginária, buscado pelos adolescentes a todo momento no mundo fora, na família, nas relações externas, no deslocamento direcionado inclusive para fora de si.

Uma frase presente nas cartas que exemplifica estas questões mencionadas no parágrafo anterior: "Bah penso em fugir mas eu não quer ficar foragido. E tem como si eu quiser também penso em me matar mas agora já to de boas. Peguei a rotina mas é isso aí." Nessa frase é possível perceber a imposição do confinamento esvaziado de sentido, pois percebe-se a vontade do adolescente em fugir para um lugar – lugar este que pode ser um lugar qualquer, porém que seja minimamente familiar. No entanto, não ficar foragido é não ficar devendo algo para o confinamento. Portanto, a saída existente é "pegar a rotina". Rotina essa que provoca o deslocamento instantâneo do fugir para o foragido e o do se matar para o to de boas. Esse deslocamento das palavras demonstra que não há chance de uma elaboração do adolescente como sujeito, pois ele desliza entre lugares demarcados institucionalmente.

O segundo risco se apresenta como uma tentativa de oportunizar para os adolescentes esta elaboração interrompida. O risco no papel. O risco da letra, da imagem, da tentativa de corporificação desse cotidiano, o qual é colocado e apresentado nos elementos da agressividade. "Naqueles dias não importava se era bom ou ruim o que escrevia. Importava transformar dor em marca. Forjar um corpo para além do corpo, na letra." (Brum, 2017 p. 113). Eis o risco escrito, na letra, que, como menciona Lacan (1998b), faz consequência ao inconsciente da possibilidade de inscrição e montagem para o fora de si, na constituição de uma corporeidade.

Nessa relação ambígua, no mesmo sentido da palavra risco, que a agressividade, o corpo e o escrito, são pensados nesse trabalho. Isso, pois na experiência presencial prévia, o corpo se tornava elemento significativo na ação e posição dos adolescentes frente às atividades desenvolvidas nas oficinas presenciais. Nessas oficinas, o corpo do adolescente passava mensagens nas atividades em grupo através dos posicionamentos corporais: abertura para o contato com um colega/fechamento com a colocação rígida atrás de uma classe, dentre outros exemplos.

De maneira não presencial, a atividade das cartas se propunha a possibilitar esse posicionamento para que o risco de desmonte corporal, se tornasse um riscar do lápis/caneta no papel, endereçado para nós enquanto grupo mediador, para dar consequência ao vivido e falado pelos adolescentes. Como exemplo, esse trecho demonstra essa interlocução: "E ai sou (nome do adolescente). Li a carta e achei interessante, vou mandar uma rima para vocês, mas meu sonho é ser tatuador." O sonho de rabiscar um corpo passa para o de escrever uma rima, sendo proporcionado pela troca de cartas realizadas na atividade.

Nessa ambiguidade do risco, a necessidade de se pensar o corpo como conceito da psicanálise se fez presente, bem como, a noção de escrita colocada na perspectiva desse enfoque sobre o corpo. Há, portanto, a busca por notar na troca das cartas a inquietação frente ao posicionamento do corpo para os adolescentes na instituição. Percebe-se essa inquietação como uma ameaça de despedaçamento trabalhado por Lacan (1998a) no texto sobre agressividade - onde a noção de corpo já se faz presente:

> Há aí uma relação específica do homem com seu próprio corpo, que se manifesta igualmente na generalidade de uma série de práticas sociais – desde os ritos da tatuagem, da incisão e da circuncisão, nas sociedades primitivas, até aquilo que poderíamos chamar de arbitrariedade procustiana da moda, na medida em que ela desmente, nas sociedades avançadas, o respeito às formas naturais do corpo humano, cuja ideia é tardia na cultura. (Lacan, 1998a, p.108)

Essa relação com o corpo e o que o sujeito constitui em função da cultura se apresentou, por exemplo, quando estávamos no contexto presencial e realizou-se uma oficina de tatuagem com os adolescentes. Na oficina, os adolescentes puderam realizar tatuagens provisórias em seus corpos. Com isso, observou-se que o cuidado em não lavar a tatuagem para não apagar de seu corpo e a busca por representar a importância de uma inscrição, dentre outros fatores, surgiram como efeitos da atividade realizada presencialmente.

Diante disso, pode-se perceber que há um culto ao corpo e a representatividade dentro da instituição, como mencionado na introdução deste trabalho em função da posição de retenção, sobre a abertura de possibilidades de outro adolescente adentrar no espaço do corpo, juntamente com outras questões que demonstram a colocação e importância do corpo para os adolescentes. A questão que se apresenta então é: A troca de cartas continuou com essa possibilidade de colocar o corpo em presença pelo registro escrito?

Buscando esse lugar vazio colocado anteriormente, deixado o adolescente frente ao enfrentamento cotidiano da repressão em um lugar que provoca a intenção agressiva, ressaltado pela pandemia no não contato com pessoas de fora da instituição, a atividade de troca de cartas

se apresentou como possibilidade de escrita. “Sempre vou temer o retorno à escuridão, que para mim é um mundo sem palavras” (Brum, 2017 p.11), ou seja, a palavra coloca uma construção. A construção de um lugar, representado pela possibilidade de o sujeito de desejo aparecer como sujeito questionador. Construção esta que também se encontra representada na elaboração da atividade de troca de cartas, apresentando-se como o desejo dos mediadores em continuar possibilitando a colocação do adolescente como sujeito de desejo.

Esse lugar na troca de cartas assumido pelos adolescentes se apresenta nesse trecho: “Bom... hoje falta exatamente 28 dias pra mim voltar pra rua sair desse lugar! Vou ter que cumprir atividade externa, é melhor que nada, sei lá, resolvi dividir isso com vocês, pois em 2019 que nós se conhecemos e fizemos atividades juntos, rezem pra mim sair kkk! Por favor.”

Rabisco, Leitura e Construção: uma possível corporeidade falada no risco.

Para isso, torna-se importante buscar a relação do corpo com a escrita para questionar se houve a presença do adolescente como corpo no registro da letra riscada. Riscada, pois não se caracteriza por um escrito ideal, tomando em consideração a apropriação da escrita por cada adolescente, nos erros ortográficos e nos riscos sem sentido, que trazem a abordagem de uma inscrição. Qual corpo está se falando? Há a possibilidade de representar o corpo com o ato de escrever? Essas foram algumas das questões que nortearam a análise que se apresenta a seguir.

Para começar essa intersecção entre escrita e possibilidade de corpo, as palavras de Eliane Brum (2017) sobre o processo de escrita abrem a reflexão. A relação entre a possibilidade de colocar a escrita na constituição de um outro corpo, atrelaram a busca por dar borda, de uma outra maneira, aos impulsos que direcionariam uma ação. Ação essa, colocada diretamente pela representação corporal, ou seja, que buscam um ato frente ao posicionamento do corpo como constituinte de uma imagem.

> Essa é uma literalidade minha, que mais tarde as palavras atenuariam. Apenas atenuariam. Vivo tudo no corpo. Às vezes me perguntam o que aconteceria comigo se não existisse a palavra escrita. Eu respondo: teria me assassinado, consciente ou não de que estava me matando. É uma resposta dramática e eu sou dramática. O que tento dizer é que, se não pudesse rasgar o papel com a caneta, ainda que numa tela digital, eu possivelmente rasgaria o meu corpo. E em algum momento, o rasgaria demais (Brum, 2017 p.16)

A escritora posiciona o ato de escrever em um lugar. A relação de literalidade e simbolização na possibilidade de escrita faz o jogo interminável de colocação do sujeito.

Colocação do sujeito como uma perspectiva do que Lacan (1998b) em “A instância da letra no inconsciente” articula como valor do significante na diferenciação da inscrição literal da letra no inconsciente, trabalhada por Freud (1900) no livro da “Interpretação dos sonhos”.

Brum (2017) caminha justamente nessa apropriação. Para ela, se não fosse possível colocar na escrita a busca do sentido, ou até mesmo, a possibilidade de colocar “no papel” aquilo que insiste, o corpo sofreria em ato a literalidade. A dramaticidade acontece nesse intermeio mencionado entre a inscrição da literalidade com a apropriação de um lugar para que se produza discursivamente de uma maneira diferente. A importância da escrita com os adolescentes, então, se coloca nesse campo. Na possibilidade da escrita ser um meio de comunicação com o outro e a entrada em um drama de possibilidades.

“Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência. Fui salva pela palavra escrita quando comecei a ler – e (talvez) em definitivo quando escrevi. E – importante – quando fui lida.” (Brum, 2017 p. 97). Nessa interlocução que a palavra escrita se torna uma possibilidade de se fazer (como sujeito incompreendido pelo Eu) o acesso ao outro. Nas cartas aos adolescentes, a proposta inicial se baseava nessa perspectiva: escreva-me para que você possa escrever, ser lido e com isso algo faça. Nessa proposta, a adesão dos adolescentes que começaram a escrever-se e desenhar-se no papel com o lápis para um outro produzia como consequência o escrito desse trabalho.

Ana Costa (2001) referencia essa apropriação do sujeito pelo texto riscado como uma criação de sintoma. Isso quer dizer que, no ato de escrever, o sujeito se coloca frente ao que está produzindo, tornando para o outro uma perspectiva de singularidade endereçada. Ou seja, com a oportunidade de escrever-se como presença, o sujeito apresenta seus desejos e nuanças que estabelecem uma relação com o outro que está lendo.

Assim, o escrito assume o lugar da presença do sujeito e do trabalho que com ele se apresenta. Na dramatização e apresentação do sujeito adolescente na instituição socioeducativa, a possibilidade de contar a sua história e, assim, fazer-se consequência com a palavra riscada. Nesse ponto, retomar o pensamento de que os extensionistas não poderiam assumir o papel de contenção ou tamponamento da angústia, possibilitou que os adolescentes continuassem se escrevendo e se colocando, justamente para que a incompletude possibilitasse a continuação discursiva de uma elaboração de sua história. O passado e a criação da possibilidade de futuro assumiam o lugar no presente marcado pelo confinamento na instituição, na busca por uma responsabilização dessa mesma história.

É nesse sentido que Laurent (2016), retomando a construção teórico discursiva de Lacan, denota que “a letra não é a impressão de um traço” (Laurent, 2016, p.26). Para o autor,

o traço escrito não representa a possibilidade de completude do discurso, pois há sempre algo que perturba na construção discursiva. Nesse sentido que a atividade das cartas não buscou trazer completude para o adolescente em sua posição com relação à angústia, como mencionado no parágrafo anterior.

> A letra é *perturbação lógica* e a escrita para Lacan, o sistema de notação das perturbações da língua, do fato de que a língua escapa à linguagem, e que há sempre, no que se diz, o que fica reservado, o que não chega a se dizer e que, no entanto, se escuta (*entend*). A escrita permite levar isso em conta. Se ela parece mais propícia a dizer o íntimo, não é porque é primeira, mas sim porque pode notar o indizível (Laurent, 2016, p. 27)

Nessa perspectiva, o encontro das cartas perpassou em notar o risco/rabisco que se apresentava nas cartas como um possível marco. Palavras repetidas nas cartas, como: "liberdade", "família", "tristeza", "sair", "disso", "isso", "esse", ancoravam a representação de um marco a ser falado. A perturbação do escrito se tornava o meio de intervenção e produção de discurso pelos adolescentes. Em suas singularidades, a intervenção dos extensionistas visava a continuação da escrita, juntamente com o destaque desses elementos mencionados para que o adolescente pudesse criar e relatar aquilo que sentia ou passava.

"Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio" (Brum, 2017 p.97-98). Que o conto riscado fosse a possibilidade de uma elaboração dos adolescentes. Essa marca da escrita apresentada por elementos destacados e, até mesmo, sem elaboração, evidenciou que a intervenção com as cartas possibilitou a criação discursiva dos adolescentes com sua singularidade. A escrita se apresentou na marca da inscrição de uma elaboração.

Com isso, uma corporeidade foi tomando presença e ausência na elaboração das cartas. É nesse intuito, como trazido por Brum (2017) no parágrafo anterior, que o corpo pode existir. Ao mesmo tempo que se apresenta como uma possibilidade, há algo dessa completude que escapa, fica de fora do registro. Justamente nesse ponto que o envio das cartas também buscou criar uma sequência, ou seja, que houvesse a possibilidade de o adolescente ficar com a carta escrita para ler, rasgar, reler, dentre outras ações, para que o risco servisse como continuidade.

Esse corpo, então, começou a aparecer nas ações da escrita e dos desenhos apresentados justamente na possibilidade de o adolescente fazer algo com a atividade que tentasse significar o espaço esvaziado de sentido pelo confinamento, tão mencionado nas cartas como literalidade do desamparo, trazendo a presença da angústia. Com isso, o trabalho de trazer elementos de

elaboração no próprio discurso do adolescente se constituiu como a presença do corpo no escrito. A busca por elementos simbólicos singulares posicionou o adolescente frente ao escrito em que ele realizava.

> A partir desse corpo do simbólico, deduz-se o corpo "a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apoia não sabe que é a linguagem que o outorga (*decerne*) a ele, a tal ponto que ele não seria, se não pudesse falar" (:406). O corpo, até aqui abordado por Lacan pelo imaginário e pela identificação nesse registro, deixa de ser situado segundo um plano simbólico exterior; agora, ele é captado pela *incorporação* direta do simbólico. (Laurent, 2016, p.31)

Com o simbólico mencionado por Laurent (2016), no trabalho de leitura em Lacan sobre o conceito de corpo na psicanálise, a leitura das cartas possibilitou buscar na singularidade esses elementos simbólicos que pudessem trazer o corpo como elemento de produção discursiva. A presença na angústia do confinamento e na tensão que existia no funcionamento da instituição, direcionava o discurso na busca pela liberdade no lado de fora da instituição, direcionando o corpo dos adolescentes presos no dentro: dentro de si (direcionado a angústia) e dentro da instituição (funcionamento sem abertura).

A atividade, então, buscou trazer a busca pelo fora na abertura de espaço na prisão da angústia. Fato fundamental em abrir espaço através das cartas para que o registro pudesse constituir um corpo. "Pois a forma total do corpo que o sujeito antecipa numa miragem a maturação da sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída." (Lacan, 1998, p.98).

Nesse viés, o corpo dos adolescentes foi sendo "resgatado" com a presença do simbólico incorporado na singularidade da escrita por cada adolescente. Na troca de cartas, no processo semanal de envio e escrita, os adolescentes puderam trazer sua história e constituir uma abertura nesse espaço aprisionado dentro da instituição. No processo de escrita, a presença do que Lacan (1998c) trabalha sobre a presença do aparato simbólico do corpo como constituinte, ou seja, a presença de um registro que apresente o corpo no papel através da exteriorização de sua história. Com isso, a busca se endereçou por abrir esse espaço interno fechado na singularidade histórica rabiscada no papel, sendo que a produção semanal abria espaço para que esses elementos de produção escrita fossem tomando lugar na angústia.

Para exemplificar, se torna importante trazer a produção de Eliane Brum (2017), na perspectiva de demonstrar na escrita a relação direta com esse corpo possível, com o corpo que se apresenta no registro:

> A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades. As manchas da minha pele primeiro rarearam, em seguida desapareceram. A literalidade que assinala meu entrar no mundo, fazendo de mim uma geografia em que os sentimentos escavam quase mortes, encontrou uma mediação (Brum, 2017, p.96-97).

É nesse viés que a troca de cartas com os adolescentes foi se estruturando como atividade de mediação. Uma oportunidade para que, através da escrita, os adolescentes pudessem encontrar um lugar de troca e mediação do que era rabiscado no papel como uma oportunidade de se fazer corpo. Sem uma explicação direcionada na constituição de um corpo completo, o corpo foi se tornando uma alternativa rabiscada na exteriorização da singularidade histórica e presença de uma corporeidade que pudesse fazer o adolescente se posicionar como sujeito de sua própria história no interior da instituição.

A experiência desenvolvida por Heissler e Gursky (2020) em rodas de escrita com adolescentes em um Centro de Atendimento Socioeducativo, demonstrou a possibilidade de suspender os adolescentes do lugar de invisibilidade. Na escrita das cartas, essa perspectiva se apresentou justamente por existir um espaço onde os adolescentes pudessem se manifestar e serem escutados. Essa suspensão do adolescente do campo da invisibilidade existente na instituição, acarreta posicionar o adolescente na produção discursiva e registrada.

Cabe mencionar que, como trazem em seu trabalho, Heissler e Gursky (2020) ajudam a pensar que esse lugar de invisibilidade manifestado através da angústia pelos adolescentes é transbordado de significado duro e disruptivo. Isso, no sentido de caracterizar a prisão do adolescente no conflito com a lei, na transgressão da lei, na marginalização e na necessidade da punição. Se torna um lugar vazio, pois o adolescente é preso nesse lugar sem perspectiva, sem possibilidade de elaboração, trazendo apenas a disjunção corporal como ameaça de acontecimentos. “Para alguns jovens, essa situação seria rompida, justamente, pelos atos violentos” (Heissler & Gurski, 2020, p.3).

> Em nossa experiência no campo socioeducativo: percebemos que a passagem dos jovens pelas internações reduzem-se, muitas vezes, a uma simples vivência – são atividades de estudo, de profissionalização, um “corre – corre” em qual a palavra e as histórias de cada um parecem se perder. Nesses espaços, as experiências de transmissão, aquelas potentes para a construção de laços com o social, são, aparentemente escassas (Heissler & Gurski, 2020, p. 6)

Essa leitura da experiência no campo socioeducativo apresenta elementos encontrados na instituição socioeducativa em que a atividade das cartas foi realizada. A tentativa de espaço

de registro apresentou uma potencialidade interessante para produção dos adolescentes com suas histórias e desejos, trazendo a relação de troca como um espaço de escuta e consequência daquilo ao qual estava ganhando registro e singularidade.

Nessa presença do escrito, os adolescentes foram construindo caminhos que fizeram deslocamentos desse lugar marginalizado. Deslocamentos na busca de singularização e mudança de perspectiva frente ao erro como literal, do erro pelo erro. Nas histórias, muitas vezes trazidas em função de suas famílias, os adolescentes puderam, através do registro escrito, trabalhar intenções e direcionamentos que questionavam o próprio desvio de um lugar diferente, de apropriação.

Em registro da troca de cartas, um adolescente menciona: "família em primeiro lugar". Quando questionado sobre a família, responde: "família é mãe, pai, irmãos". Na continuação da conversa, começa a abrir o contexto nos registros, mencionando: "Família é aquele que ajuda o irmão, da conselhos pro outro se levantar". Em outra carta, apresenta um drama familiar: "A mãe não chora, o pai por favor vê se não reclama porque a gente é uma grande família".

Um tempo sem responder, o adolescente volta a escrever e menciona um incômodo com outros adolescentes dentro da instituição. Junto com isso, nas palavras do adolescente: "aguentando no osso do peito", menciona outros adolescentes que o ajudaram a "levantar" depois da volta da punição pelo fato ocorrido. Há, assim, uma possibilidade de um afeto familiar demonstrado dentro da instituição no próprio convívio entre os adolescentes. Abre-se, assim, uma brecha na dureza do osso para acolher no peito também um apoio "familiar" na relação construída com os pares na instituição.

Esse deslocamento permite que o adolescente comece a construir possibilidades frente às diversas frases literais que se apresentavam no início da atividade. O primeiro lugar desloca-se da palavra família como "mãe, pai e irmãos" para aqueles em que "dá conselhos para o outro se levantar". Logo depois, demonstra que conselhos e barramentos no drama familiar se apresentam para que se coloque a fazer a mãe não chorar e seu pai considerar a família como algo grande.

Na representação do grande e a presença na colocação do ato, o adolescente menciona: "eu usava muita droga na rua, estou aqui porque matei um por isso quero mudar", trazendo a frase "minha família passa por muita necessidade" logo em seguida. Uma tentativa de fazer algo grande em um lugar diferente para poder mudar algo estabelecido, também grande, (a necessidade) em sua família. Ele escreve: "Quero mudar de vida. Arrumar um emprego e conseguir viver sem precisar de muita coisa". Começa, então, a relativizar a grandeza da família

como algo concreto para a possibilidade de vivência nela sem precisar de algo muito grande para se sentir presente na família.

Há, portanto, uma tentativa de deslocamento de significantes apresentados e registrados nas cartas. Uma interlocução direta realizada pelo adolescente em uma busca por relativizar em qual lugar está em sua família, juntamente com o ato realizado que revelou a presença de algo familiar na instituição socioeducativa. Em qual lugar está o corpo? Há presença do corpo como trabalhado até aqui nesse exemplo mencionado?

Lacan (1974 - 1975) menciona que o sujeito na posição de falante tem a impressão de que tem um corpo – um corpo completo. Essa propriedade é formada pelo falasser, ou seja, há a impressão que se fala de um corpo constituído. Porém, para o autor, isso é apenas uma impressão, pois o corpo escapa a cada momento. Com isso, a completude corporal é algo imaginário, na importância de certa consistência que se coloca na imprecisão, na brecha do discurso como perda da propriedade corporal.

No exemplo anterior, o adolescente coloca a perspectiva de fala no registro do escrito. Há um desenvolvimento em função de deslocamentos que colocam a importância em se situar frente aquilo em que está desenvolvendo. Nesse momento, há o registro de uma construção onde o corpo pode ser pensado como presente no ato do registro, no próprio risco da escrita. Dessa maneira, abre-se a possibilidade de o adolescente constituir um discurso deslizante em significantes: trazido como exemplo no significante "grande".

O exemplo trazido por Eliane Brum (2017) permite pensar esse processo descrito aqui:

> "Em momentos transtornadores, como o que vivo enquanto reviso este livro, as palavras me exasperam com sua insuficiência e o corpo ameaça doer de falta. Ao concluir a história – ainda em movimento – da minha vida com palavras, perdi a consciência do meu corpo antigo e passei a colecionar desastres domésticos por calcular mal meus passos e meus gestos. Neste exato instante, busco caminhos para descobrir qual é o meu corpo, agora que me ofertei em letras a um leitor desconhecido" (Brum, 2017, p.16)

O exemplo de Eliane Brum (2017) decorre justamente pelo processo de escrita ser uma possibilidade de uma busca/produção de um corpo. No caso do adolescente mencionado no exemplo, esse corpo aparece nesses deslocamentos mencionados pela presença de uma perspectiva diferente em função da troca das cartas. Dessa maneira, não há a incumbência em pensar em um corpo completo fora do desvio da norma. É na história "familiar" que o deslocamento em considerar um possível corpo começa a acontecer. Há uma posição frente ao

dentro da instituição diferente do tão apresentado corpo esfacelado preso no vazio apresentado na escrita das cartas.

Se a família começa a ganhar contornos possíveis dentro da instituição, na relação com os outros adolescentes que o amparam frente à medida repressiva que obteve, há uma possibilidade de o adolescente fazer algo diferente do que se desfragmentar ou se fechar na pressão que o confinamento coloca em função da punição. Uma posição diferente tomada pelo registro da escrita endereçada ao grupo de extensionistas, por uma construção, envolvido no corpo como menciona a escritora: "caminhos para descobrir qual é meu corpo" (Brum, 2017, p.16).

É nesse ponto que podemos ver que a perturbação da linguagem apresenta um vazio, trazido como uma não presença de linguagem que constitua um corpo completo. Este corpo, "segundo a lógica dos conjuntos, Lacan quer inscrever a unidade inencontrável do corpo como um conjunto vazio. Fim da busca pelo módulo central. Será na escrita desse vazio, ponto de Arquimedes, que os significantes se engancharão." (LAURENT, 2016, p.19). Como demonstrado pela relação entre a escrita e o corpo, os adolescentes nas cartas puderam apresentar um caminho para descobrir um possível corpo frente a colocação dentro da instituição.

Para os adolescentes, em função da atividade de troca de cartas, uma busca de um corpo possível na construção do trabalho pelo registro e rabisco da linguagem. Um registro baseado em pontos de significantes singulares frente às histórias mostradas nesse texto, como também, um corpo de ação e ato em função desses mesmos significantes. Como mencionado anteriormente, não na busca por um corpo completo que dê conta dos registros reais em uma instituição que busca um dos elementos impossíveis falado por Freud (1930) em Mal-estar na Civilização: educar.

Como apresentado no mesmo texto por Freud (1930), também não se assume a necessidade da busca por saber governar o corpo. Ou seja, buscar uma intenção em que o adolescente se desse conta dos preceitos corporais diários como um fim único. Muitas leituras das cartas demonstravam esse processo como uma tentativa institucional, deixando os desvios como elementos unicamente tomados pela tentativa de exclusão completa, sem consideração do Sujeito.

Coube, então, na troca de cartas, não assumir a busca por trazer a psicanálise como um ato de leitura completo, ou seja, que pudesse "dar conta" do sofrimento apresentado pelos adolescentes. Essa seria uma busca por um corpo completo, não sendo o corpo constituído pela

presença da falha como elemento constituinte e fundamental no processo de relações, como trabalhado no desenvolvimento teórico da concepção de corpo, mencionado por Lacan (1998c).

A escrita, os desenhos, os rabiscos, se tornaram um meio de registro e troca. O corpo se tornou presente nessa relação de envio e resposta semanal. Há, então, a perda desse corpo como exclusivamente do indivíduo, pois direcionava-se através da troca a possibilidade de constituir um corpo do Sujeito como um elemento de troca. A singularidade do sujeito adolescente na interação com um escritor e leitor ativo, com respostas e perguntas, no preceito do ser ouvido e tomado em consequência.

Considerações Finais

A realização do trabalho da troca de cartas com os adolescentes privados de liberdade em época de pandemia iniciou na perspectiva de manter um contato iniciado nas oficinas presenciais. Durante a realização da atividade, a mesma foi se tornando um potencial de intervenção considerando as respostas dos adolescentes e a interlocução proporcionada. Abrindo brechas no cotidiano institucional de confinamento, os adolescentes foram se apropriando do espaço no papel para rabiscar suas vontades e desejos frente aquilo que os angustiava.

A leitura das cartas por meio das noções de escrita, corpo e agressividade em psicanálise possibilitou evidenciar a importância das construções narrativas para a constituição do corpo e do Eu em interlocução com os fenômenos sociais, envolvendo, nesse caso específico, o campo socioeducativo e a Pandemia da Covid-19. Nessa perspectiva que a análise desse trabalho buscou considerar a apropriação dos adolescentes em um continente corporal. A literalidade do lugar institucional proporcionava o surgimento do risco do desmonte corporal – tomando por base a teoria discutida nesse trabalho, fazendo surgir a angústia com a necessidade de fugir ou até de morrer. Elementos que se apresentavam nos escritos produzidos nas cartas dos adolescentes.

A escrita, então, tomou um lugar de intervenção para os adolescentes construírem através de suas singularidades lugares simbólicos que proporcionassem um continente para a elaboração imaginária de si. Um eu externo que, como menciona Freud (1923), constitui um corpo no contato com alguém, com o outro, com um endereçamento.

Com o discurso sendo mostrado através do registro do adolescente no papel, a intervenção se mostrou importante para possibilitar que o adolescente constituísse um corpo e não ficasse preso em um confinamento esvaziado de sentido que não desse borda para a

agressividade. Como foi demonstrado na escrita desse trabalho, essa possibilidade não serve para o adolescente estabelecer um corpo completo, porém se apropriar do deslize de seu discurso para estabelecer um simbólico e um imaginário que torne possível uma perspectiva de vida.

Referências

Aberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Birman, J. (2009). *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de janeiro: Record.

Birman, J. (2020). *O trauma na pandemia do coronavírus:* Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Brum, E. (2017). *Meus desacontecimentos – a história da minha vida com palavras* – 2 Ed. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial.

Cèllar, D. P. (2014). *Do método lacaniano crítico-teórico às suas reconfigurações prático-políticas em discursos concretos: questionamento da ideologia, compromisso do pesquisador e subversão do sujeito*. In: Lima, A. F. de. Junior, N. L. Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica. Porto Alegre: Sulina.

Costa, A. (2001). *Corpo e Escrita. Relações entre Memória e Transmissão da experiência.* Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Dunker, C. I. L. Paulon, C. P. Ramos, J. G. M. (2017) *Análise Psicanalítica de Discurso: perspectivas Lacanianas.* 2 Ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Fortes, I. (2021). Abrindo o livro do mundo na pandemia da Covid-19. *Tempo Psicanalítico, 53*(2), 308-312.

Freud, S. (2001). *A Interpretação dos sonhos.*Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Editora. Obra original publicada em 1900.

Freud, S. (2011). *O Mal-Estar na civilização.* In: Freud, Sigmund. Obras completas, volume 18: O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. Obra original publicada em 1930.

Freud, S. *O Eu e o Id.* (1923). In: Freud, S. Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Goffman, E. (1974). *Manicônios, Prisões e Conventos*, São Paulo, Perspectiva.

Gurski, R. Heissler, S. (2020). *Psicanálise, Vida Loka e Rodas de Escrita com Adolescentes Privados de Liberdade*. Psicologia, Ciência e Profissão. V.40, e216281, 1-14. Disponível em: https://doi.otg/10.1590/1982-3703003216281.

Gurski, R., & Perrone, C. M. (2020). Sonhos em tempos de Pandemia. *Entrelinhas*, 85. Disponível em https://www.crprs.org.br/entrelinhas/91/psicologia-e-pesquisa-sonhos-em-tempos-de-pandemia

Kehl, M. R. (2004). *Três Perguntas sobre o Corpo torturado.* In: Keil, I. Tiburi, M. Corpo Torturado. Rio de Janeiro: Escritos Editora.

Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22: RSI.* Tradução Livre.

Lacan, J. (1998a). *A agressividade em psicanálise.* In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. Obra original publicada em 1948.

Lacan, J. (1998b). *A Instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud.* In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. Obra original publicada em 1957.

Lacan, J. (1998c). *O estádio do espelho como formador da função do Eu.* In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. Obra original publicada em 1949.

Laurent, É. (2016). *O avesso da psicanálise: Uma escrita para o gozo.* Tradução de Sérgio Laia, Leonardo Scofield, Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Parker, I. (2014) *Análise do Discurso: dimensões da crítica na Psicologia*. In: Lima, A. F. de. Junior, N. L. Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica. Porto Alegre: Sulina.

Worcman, K., & Costa, A. O. (2017). *A construção do Eu nas narrativas de vida*. Comunicações, 24(3), 331-354.

CAPÍTULO 3

ARTIGO

A escrita como possibilidade de construção no confinamento: Trocas de cartas entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade durante a Pandemia da COVID-19

A possible writing about the void: Letter Exchange between university students and adolescents in deprivation of liberty during the COVID-19 Pandemic.

André Morgental weber

Licenciado em Sociologia; Psicólogo, Pós-graduado em Clínica Psicanalítica.

E-mail: andremweber@hotmail.com CEP: 97015-250

Telefone: (55) 991436451

Santa Maria, RS

Jana Gonçalves Zappe

Professora no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Psicologia. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Avenida Roraima, 1000. Departamento de Psicologia. Prédio 74B. Sala 3213. Santa Maria/RS.

jana.zappe@ufsm.br

(55)999697609

Resumo

Este artigo buscou compreender o processo de trocas de cartas entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade para cumprimento de medida socioeducativa durante a pandemia da Covid-19, explorando a possibilidade de que esse processo tenha se constituído como um dispositivo clínico que favoreceu a circulação da palavra e possibilitou deslizamentos de sentidos. A troca de cartas possibilitou que os adolescentes pudessem se posicionar como autores de um texto, escolhendo as palavras, as cores e as formas que colocaram no papel endereçado a um outro, estabelecendo laço e criando furos no apagamento subjetivo mobilizado pelo confinamento. Conclui-se que esse processo de troca de cartas se constituiu como um dispositivo clínico, pois possibilitou a circulação da palavra e o estabelecimento e/ou manutenção de laços, e que o sujeito fala/escreve sempre que há um outro disposto a escutar/ler, independente do *setting*, que nesse caso incluiu uma unidade socioeducativa, lápis, caneta e papel, de um lado, e a casa, o computador, a internet e a impressora, de outro

Palavras-chave: Escrita literal. Agressividade. Troca de cartas.

Abstract

This article aimed to understand the process of letter exchange between the university students and the adolescents in deprivation of liberty, in social educational measures compliance, through the psychanalytic theoretical reference, considering the notions of psychanalytic writing. The psychoanalysis in its history demonstrates its creation/development throughout the letter exchange between Freud and the other thinkers. By these means, there is a possibility of the construction of a subjective position through the writing and the letter exchange. Along with this historical perspective, this article analyzed the possibility of the adolescents in social educational measures positions development throughout the letter exchange in this pandemical period.

Keywords: Literal writing. Aggressivity. Letter exchange.

Introdução

Este artigo reúne a experiência de intervenção realizada por meio de trocas de cartas entre extensionistas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e adolescentes que se encontravam privados de liberdade durante a Pandemia da Covid-19. A troca de cartas se estabeleceu a partir da indicação do isolamento social como principal modalidade de contenção do vírus da Covid-19, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e adotado pela UFSM a partir de março de 2020. Com isso, as ações extensionistas que eram realizadas presencialmente por estudantes de graduação e pós-graduação da UFSM junto a adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de internação foram interrompidas e passou-se a buscar por formas alternativas de intervenção.

As tecnologias de comunicação foram as principais ferramentas para dar andamento às atividades universitárias durante o período de suspensão das atividades presenciais e, em que pese elas tenham sido as ferramentas que possibilitaram o encontro entre o grupo que desenvolvia as práticas extensionistas na Unidade Socioeducativa, para a manutenção das atividades com os adolescentes elas eram inócuas, pois eles não acessavam tais tecnologias enquanto estavam institucionalizados para cumprir medida socioeducativa. Assim, o grupo considerou o interesse dos adolescentes pela escrita e pelo desenho, observado durante as atividades presenciais realizadas antes da pandemia, assim como as trocas de cartas entre adolescentes e suas famílias, amigos e amores, que eram frequentes durante a institucionalização, e propôs uma interlocução por meio de cartas.

A proposta foi apresentada à Unidade socioeducativa e os procedimentos foram construídos de forma conjunta. Para dar início ao processo de troca de cartas, foi enviada uma carta de apresentação da proposta e do grupo para cada adolescente e o convite para que, caso se sentisse disposto, ele pudesse responder com uma nova carta. Quando algum adolescente respondia à carta escrita pelo grupo, algum dos extensionistas elaborava individualmente uma resposta, troca que seguiria dessa forma a cada carta escrita pelo mesmo adolescente. A escolha de quem iria se relacionar com qual adolescente foi baseada na transferência que se estabelecia com cada carta/sujeito, considerando também o desejo de cada extensionista em intervir e participar de tal processo. Assim, a cada semana era enviada uma carta do grupo para todos os adolescentes e, sempre que eles respondiam, essa resposta dava início a um processo de troca individualizada. Com isso, os elementos singulares foram tomando lugar para discussão e elaboração de narrativas sobre a vida, dentro e fora dos espaços habitados pelos adolescentes e pelos extensionistas.

Acredita-se que o processo de interlocução com os adolescentes por meio das cartas foi possível devido ao percurso prévio do grupo de extensionistas na Unidade socioeducativa, pois os adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer o grupo e as atividades que eram realizadas, facilitando em certa medida a comunicação e a implicação dos mesmos em se comunicarem por meio das cartas. Aliás, inicialmente, o propósito central da troca de cartas era justamente manter o vínculo com os adolescentes e com a Unidade socioeducativa, até que fosse possível retomar as atividades presenciais. No entanto, as trocas foram acontecendo de forma que se passou a suspeitar que ali se constituía um novo dispositivo de intervenção, suspeita que é explorada nesse artigo.

Um dispositivo clínico é o que sustenta a intervenção e contempla a circulação da palavra a partir de uma cuidadosa escuta da demanda da urgência pessoal ou social que se evidencia, já operando segundo a transferência (BROIDE, 2014). Em um dispositivo, a fala compartilhada pode possibilitar a criação de espaços de simbolização em que os sentidos podem deslizar e as narrativas permitam aos sujeitos a construção de outras versões de si, tarefa que é ética e também sócio-histórica quando se desenvolve em contextos sociais críticos como a socioeducação (GURSKI, 2019).

A análise do processo de troca de cartas partiu da consideração pelas cartas trocadas que tiveram lugar na história da Psicanálise, e aborda a seguir os elementos da experiência que podem situá-la como um dispositivo clinico. Para este artigo, foi considerado o processo desenvolvido ao longo do ano de 2020, sendo considerada a troca de 80 (oitenta) cartas, com 5 (cinco) adolescentes diferentes e a análise destes documentos/registros se deram a posteriori.

A TROCA DE CARTAS NA CONSTRUÇÃO DA PSICANÁLISE

A história da psicanálise revela que as trocas de cartas entre Freud e outros autores estiveram diretamente relacionadas com a construção e revisão de conceitos psicanalíticos, além de possibilitarem a instauração de processos clínicos. Assim, as cartas testemunham que esse dispositivo de escrita possibilitou a invenção da teoria psicanalítica e também do psicanalista, à medida em que oportunizou o deslocamento para um lugar inédito, não prescrito na relação entre médico e paciente: o lugar de analista (VIDAL, 2010). A respeito dos processos clínicos e do lugar de analista, Porge (1998) evidencia que a troca de cartas entre Freud e Fliess possibilitou um espaço truncado para Freud se colocar em questionamento, para se pensar e construir uma posição de Sujeito do Inconsciente, o que tem sido considerado como o processo de auto-análise de Freud, com o Fliess, como destinatário das cartas de Freud, ocupando o lugar de um “analista silencioso”, um Outro.

A construção da teoria psicanalítica por meio da troca de cartas com Fliess possibilitou a Freud escrever para alguém de sua confiança, narrando sobre suas leituras, seus pacientes, estudos próprios, relatos de férias e viagens, opiniões, dentre outros assuntos, incluindo os sentimentos que Freud nutria pelo próprio interlocutor. Com isso, cabe colocar que a posição de Fliess em assumir a escuta de Freud através das leituras das cartas e das respostas a elas, possibilitaram um Outro ao endereçamento. Ou seja, Fliess assume um papel analítico para Freud, sendo que a construção, como menciona Porge (1998), acontece de maneira truncada, com falhas e dúvidas que eram compartilhadas com alguém confiável e assim endereçadas e registradas. "Fliess é o alguém que concorda em ouvi-lo e que o encoraja a superar os obstáculos. Freud sempre volta repleto de dinamismo dos encontros com seu amigo" (PORGE, 1998, p. 17).

Um outro escrito - troca de cartas - que se torna importante mencionar, especialmente pelo foco deste trabalho, é a troca de cartas entre Albert Einstein e Freud. Essa troca começou quando Albert Einstein direcionou a Freud um convite à reflexão sobre a iminência da guerra. Em resposta a Einstein, Freud escreve sobre conceitos e intencionalidades do ser humano, que o mesmo evidenciava frente a um dos maiores horrores que poderiam acontecer na época, a guerra. Freud apresentou explicações para Einstein sobre como a pulsão de morte, a violência, as leis e o direito, dentre outros, são conceitos implicados tanto na constituição do sujeito quanto na própria constituição da civilização, os quais permitiram refletir sobre as guerras.

A guerra como intencionalidade do sujeito e ao mesmo tempo como falha dos laços coletivos é tema das trocas entre Einstein e Freud, ambos pacifistas, como objeto de indagação, questionamento e mobilização do pensamento e da escrita. Mais do que trazer esse trabalho explicativo e conceitual acerca da guerra, o que interessa para esse trabalho é a possibilidade de construção por meio da troca de cartas: possibilidade de compartilhamento de angústias, de comunicação e de estabelecimento de laço. O ato de escrever direcionado de Einstein a Freud e a resposta de Freud a Einstein, possibilita evidenciar o trabalho de colocação dos autores frente a um problema e convocação. Como inicia a carta de Einstein:

> A proposta da Liga das Nações e de seu Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, em Paris, de que eu convidasse uma pessoa, de minha própria escolha, para um franco intercâmbio de pontos de vista sobre algum problema que eu poderia escolher, oferece-me excelente oportunidade de conferenciar com o senhor a respeito de uma questão que, da maneira como as coisas estão, parece ser o mais urgente de todos os problemas que a civilização tem de enfrentar. Este é o problema: existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra? (EINSTEIN, 2005, p. 5)

Com a escolha de Einstein por Freud na busca por uma interlocução, acredita-se que se

estabelece aí uma relação transferencial, ao mesmo tempo um pedido de ajuda e uma aposta na suposição de saber. Com isso, Einstein realiza uma escolha endereçando a pergunta a Freud para que pudessem realizar um posicionamento frente à questão e consequentemente uma troca, colocado nas palavras do autor como "franco intercâmbio". Freud inicia assim sua carta resposta:

> Quando soube que o senhor pretendia convidar-me para um intercâmbio de pontos de vista sobre um assunto que lhe interessava e que parecia merecer o interesse de outros além do senhor, aceitei prontamente. Esperava que o senhor escolhesse um problema situado nas fronteiras daquilo que é atualmente cognoscível, um problema em relação ao qual cada um de nós, físico e psicólogo, pudesse ter o seu ângulo de abordagem especial, e no qual pudéssemos nos encontrar, sobre o mesmo terreno, embora partindo de direções diferentes. O senhor apanhou-me de surpresa, no entanto, ao perguntar o que pode ser feito para proteger a humanidade da maldição da guerra (FREUD, 2005, p. 23)

A surpresa de Freud na convocação de Einstein em pensar a ameaça da guerra inicia a troca que possibilita a construção de reflexões sobre essa questão fundamental. A pulsão de morte e a agressividade como conceito de fundo da escrita, são dois pontos importantes construídos pela troca das cartas entre os pensadores sobre a eminência da guerra na época. Assim, nota-se a construção do pensamento através da escrita, demonstrando a potencialidade das trocas de cartas tanto para construir um pensamento e uma troca entre Einstein e Freud, como também, para colocação dos próprios autores em função do texto como posicionamento de sujeito e construção, estabelecendo laço.

Freud conclui a carta afirmando que não é possível suprimir as tendências agressivas que estão em jogo nas guerras, mas que tudo aquilo que favorece o estabelecimento de laços sociais e contribui para o desenvolvimento da coletividade, deve servir contra as guerras. A partir disso, destaca-se que a troca de cartas promoveu em ato o que ali se concluía como texto: um encontro que estabeleceu laço e possibilitou a reflexão sobre conceitos e teorias que permitiram compreender fenômenos psíquicos e sociais implicados nas guerras, compreensão que contribui para o desenvolvimento da coletividade, e deve servir contra as guerras. Afinal, como Freud declarou em outro trabalho, o primeiro homem que proferiu contra seu inimigo uma palavra de ofensa, ao invés de uma lança, fundou a civilização (Freud, 1913/1996). Aqui destaca-se, portanto, a palavra como recurso para lidar com a agressividade que não é passível de ser suprimida, e a troca de cartas como dispositivo para fazer circular a palavra.

ANÁLISE DO PROCESSO DE TROCA DE CARTAS COM ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DURANTE A PANDEMIA

As cartas trocadas foram lidas seguindo o que Cuéllar (2014) chamou de “ancoragem de representação”, que se ampara na leitura dos textos - cartas dos adolescentes - para exaltar/sentir os significantes que estruturam o texto, sendo pontos de repetição e predominância de elementos discursivos. Buscou-se, então, realizar uma leitura flutuante sem a busca por um saber completo sobre o conteúdo, valorizando justamente a emergência da verdade do sujeito naquilo que falta. É com essa verdade que o inconsciente surge como a intencionalidade do sujeito - desejo e satisfação da pulsão - que torna a realizar costuras nessa verdade com a realização da escrita/discurso “que faz das formações do inconsciente não apenas um saber que não se sabe, mas também um fragmento de verdade que não pode ser reconhecido” (DUNKER, PAULON e RAMOS, 2017, p. 140).

Assim, as cartas foram lidas considerando-se que é na incompletude da linguagem que “o discurso enquanto real não pode ser resumido nem à sua articulação simbólica do significante, nem à sua dimensão imaginária do significado” (DUNKER, PAULON e RAMOS, 2017, p.114). A partir disso, acredita-se que a troca de cartas oportunizou, em um primeiro momento, a produção narrativa dos adolescentes e, com isso, a possibilidade de assumir um lugar outro que o lugar do confinamento, intensificado pelo isolamento social durante a pandemia da Covid 19.

“E aí, tudo tranquilo com vocês aí?” Perguntou um adolescente em resposta a uma das primeiras cartas enviadas pelo grupo, demarcando ao mesmo tempo uma separação entre o dentro da Instituição e o fora (aí), e as trocas de cartas como recurso para ligar estes espaços. A pandemia da covid 19 forçosamente fez a distância física se estabelecer e as cartas no início fizeram justamente a marca desses espaços – fora e dentro da instituição.

Repetindo-se frequentemente na escrita dos adolescentes, essa busca pelo fora inquietava justamente pelo fato de que parecia revelar a condição de isolamento extremo a que estavam submetidos, com severas restrições para o contato com familiares e outras pessoas significativas. No entanto, viver isso é diferente de falar/escrever sobre isso, de forma que a escrita das cartas oportunizou que pudessem se posicionar a respeito e, quem sabe, decantar vivências em experiências (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018). Diante disso, compreende-se que a troca de cartas, como oportunidade de produção narrativa e ocupação de um outro lugar, pode ter possibilitado algum rompimento com o assentimento subjetivo inerente às intervenções repressivas do Estado, pois “toda sociedade, por fim, manifesta a relação do crime com a lei através de castigos cuja realização, sejam quais forem suas modalidades, exige um assentimento subjetivo” (LACAN, 1998, p. 128). Esse assentimento subjetivo, mobilizado pela privação de liberdade como intervenção repressiva e punitiva, que acarreta o apagamento do sujeito, é

revelador do que denominamos de “produção no confinamento”, uma vez que a punição é colocada no nível do apagamento do adolescente como sujeito.

Com relação a isso, identificou-se que a troca de cartas possibilitou aos adolescentes um posicionamento diante das circunstâncias de vida durante a pandemia da Covid 19, permitindo a aberturas de brechas no assentimento subjetivo imposto pela institucionalização. Mais do que continuar um contato já existente anteriormente nas oficinas presenciais, intencionalidade presente na construção da proposta, a escrita acabou se constituindo como um meio importante para que o adolescente pudesse se colocar, sendo que se posicionar foi uma escolha dos adolescentes que aceitaram o convite à escrita, pois escolher participar já indicava uma posição fundamental na ideia de troca presente na proposta.

Na troca de cartas, o processo de socioeducação foi questionado pelos adolescentes. O que se faz no tempo que se está retido no espaço da instituição? As pedaladas (chutes nas portas de metais) se apresentam como um grito de socorro e materializam a ausência de ligação inerente ao confinamento, em uma passagem da passividade para a atividade. “Eu to de cad (punição dada pela instituição) mas amanhã já to saindo, é a segunda já, não pude fazer minha ligação, já faz um mês e pouco que não ligo para a família por causa que eu tava pedalando”. Em função das pedaladas, o jovem se torna autor da ausência de ligação, aspecto até então vivido passivamente no confinamento.

As trocas de cartas estavam, então, colocadas para possibilitar que o adolescente pudesse significar o momento em que estava fazendo o registro. As cartas aos adolescentes centravam-se em dar a oportunidade para que ele pudesse construir algo com essa agressividade que o fez pedalar a porta. A agressividade que, com o corpo, produziam uma ação, com a intencionalidade de produzir um grito, um barulho.

Cabe pensar que essa intenção agressiva das pedaladas são chutes na porta dos dormitórios que produzem um barulho estrondoso. Essa intenção agressiva produz uma tentativa de uma abertura. Abertura essa trazida nas cartas onde o sair da instituição se tornou na escrita um desejo forte e frequente: “Nesse momento da minha vida sonho todos os dias com minha liberdade”. É com esse desejo que as cartas também se tornaram uma ferramenta fundamental de simbolização e criação, pois “A satisfação do desejo humano só é possível se mediatizada pelo desejo e pelo trabalho do outro” (LACAN, 1998, p. 123) e as cartas enviadas aos adolescentes se tornaram, então, um desejo dos mediadores de que os adolescentes tivessem a possibilidade de discursar sobre os seus desejos.

As cartas também se tornaram um meio de questionamento para que os adolescentes pudessem criar e estabelecer possibilidades de fazer furo no enclausuramento. “E esse tempo

que eu estou aqui está sendo um tempo de aprendizagem, estou aprendendo várias coisas. Ta sendo um tempo de pensar o que eu quero para a minha vida". Um tempo. Tempo de se posicionar considerando a história singular de cada adolescente, de pensar sobre a realidade encontrada fora do case – atrelada a muitas referências para suas famílias nas cartas – na busca por estabelecer uma posição frente ao outro.

Há, dessa maneira, uma intenção nas cartas em possibilitar que o adolescente se coloque e discurse sobre sua posição frente ao que está enfrentando. A busca perpassa, então, por colocar o adolescente como sujeito diante das questões que se apresentam nas cartas. Demonstrar uma perspectiva de produção discursiva, não como uma saída simplesmente do assentimento subjetivo colocado pela institucionalização, porém em possibilitar o que Birman (2009) destaca como possibilidade de mediação pela linguagem, uma possibilidade de intervenção para o adolescente discursar sobre esse lugar confinado. Veremos agora como isso se demonstra na escrita realizada pelos adolescentes.

Nessa frase, o que chama a atenção para o escrito, que se repete em diversas cartas enviadas pelos adolescentes, indica a imposição de um funcionamento institucional esvaziado de sentido subjetivo. "Bom... Hoje falta exatamente 28 dias pra mim voltar pra rua, sair desse lugar!". A instituição é colocada em um lugar definido pela palavra literal "desse", sem contextualização que permita uma construção subjetiva sobre o lugar.

Há, portanto, um questionamento até mesmo da palavra socioeducação nesse momento, pois, se há uma possibilidade de trazer na instituição uma oportunidade para os adolescentes construírem algo nesse tempo recluso do convívio social, o que sobra frente a esse confinamento esvaziado de sentido subjetivo? Evidentemente que essa questão se desdobra em inúmeras outras, porém, a agressividade e a intenção agressiva se apresentam nessa falta de espaço derivado do confinamento. Como escreve Lacan (1998a), a agressividade se faz presente na própria constituição do sujeito, trazendo no processo de experiência a intenção de uma subjetivação. Qual é, então, no espaço confinado tão demonstrado pelos adolescentes na escrita das cartas, a possibilidade de subjetivação colocada no cotidiano da instituição?

A partir disso, as trocas de cartas envolveram a busca/oferta de um continente que possibilitasse registrar um caminho de subjetivação por meio da construção narrativa. Trata-se de uma intervenção diferente das intervenções mais rotineiras na Instituição, que em geral envolvem tentativas de bloquear as ações agressivas que surgem dos adolescentes, podendo trazer como exemplo as punições frente às pedaladas nas portas dos dormitórios mencionadas anteriormente. Com isso, há uma tentativa de supressão com uma busca por identificação dos adolescentes com as regras da instituição. No entanto, sabe-se que não é possível suprimir a

agressividade, mas construir recursos para lidar com ela. Coube, na atividade das cartas, possibilitar um outro lugar, abrindo um espaço de produção para o adolescente buscar a experiência de registro de suas questões com a responsabilização.

"O que procuramos evitar, através de nossa técnica, é que a intenção agressiva no paciente encontre o apoio de uma ideia atual de nossa pessoa" (LACAN, 1998, p.111), ou seja, as cartas se propunham a não encontrar ou dar respostas que tapassem a dificuldade tão mencionada de encontrar o vazio sufocante do cotidiano institucional apresentado nas cartas. Procurou-se, então, abrir espaço nesse vazio unitário e repressivo, para que o adolescente pudesse encontrar palavras para, na sua singularidade, construir perspectivas e desejos através do escrito.

"Bah penso em fugir mas eu não quero ficar foragido. E tem como se eu quiser também penso em me matar, mas agora to de boa, peguei a rotina e é isso aí". Neste trecho, o adolescente narra sobre experiências extremas de saída do confinamento (fugir e morrer), ao mesmo tempo em que revela a escolha pela adaptação ao funcionamento institucional, onde o assentimento subjetivo se apresenta como uma necessidade ao adolescente que quer sair da prisão. Uma pergunta como resposta a essa manifestação do adolescente foi enviada com a intenção de mobilizá-lo a construir outro lugar entre fugir e se matar. O que esse adolescente sente, então, frente ao cotidiano da instituição para que esse sentimento apareça como solução ao confinamento?

A relação entre o confinamento esvaziado de sentido e a agressividade ou intenção agressiva, como vem sendo colocada nesse caminho teórico, se caracteriza por uma diferença importante a ser mencionada. Como retoma Éric Laurent (2016) na releitura da obra psicanalítica na relação entre vazio e corpo, o vazio se apresenta como o lugar não preenchido pela imagem e simbolização do sujeito. Não há completude possível que se possa buscar no lugar esvaziado de sentido do adolescente na privação de liberdade. O que se faz é buscar uma alternativa da prisão nesse confinamento instituído. Há algo a ser feito na busca pela singularidade histórica de cada adolescente.

Então o que se buscou fazer por meio das cartas foi a oferta de oportunidades. Oportunidades que não visam o preenchimento do vazio sentido pelo adolescente, porém um deslocamento do lugar repressivo onde a intenção agressiva aparece como um grito, um pedido de socorro, em geral bastante barulhento. As cartas proporcionaram esse registro, de uma passagem de mais um adolescente preso no vazio, para a busca da singularidade histórica de criação. Cria-se através da escrita, se escreve para registrar essa singularidade, colocando a agressividade como um elemento fundamental na elaboração de discurso.

"O momento mais difícil da minha vida foi quando eu caí aqui na fase. E o momento mais feliz está por vir, vai ser quando eu sair daqui e rever as pessoas que eu amo". Amor, que se ampara nas pessoas de fora, em ambientes que fazem falta na instituição e produzem falhas significativas. Amparados na perspectiva winnicottiana, questiona-se o quanto os adolescentes receberam, ao longo do desenvolvimento, suportes para vivenciar tais falhas.

> "Acho que a questão consiste em que, se você constrói um *lar* para uma criança, você está lhe dando um pouco do mundo que ela pode compreender e em que pode acreditar, nos momentos em que o amor falha. Pois às vezes, necessariamente, o amor falha, pelo menos superficialmente" (WINNICOTT, 1987, p. 42).

Se a privação de liberdade, por si só já implica um afastamento dos ambientes e de pessoas significativas aos adolescentes, durante o período de pandemia da covid 19 esse afastamento ocorreu de fora muito extrema, pois o contato com pessoas de fora da Unidade ficou ainda mais restrito, reduzido a ligações telefônicas. Percebe-se aí, além do barramento da agressividade, o barramento do amor.

A relação entre esse lugar do confinamento e a agressividade acontece justamente, pois "essa agressividade se exerce, é claro, em meio a restrições reais" (LACAN, 1998, p. 107). A restrição como prisão do adolescente em meio a diversas intenções de discurso, de fala. A restrição real, iminente a uma não possibilidade de fala e sim, de uma restrição frente a um ato considerado criminoso, impossibilita a fala do adolescente que grita batendo na intenção da agressividade – como fazem por meio das mencionadas pedaladas.

É como continua o autor, mencionando que a agressividade "por experiência que ela não é menos eficaz pela via da expressividade: um genitor severo intimida pela simples presença, e basta que seja brandida a imagem do Punidor" (LACAN, 1998, p.107). Punidor esse materializado na imagem do Case como a instituição que simplesmente aprisiona e pune. Diversas cartas demonstram esse viés de pensamento e constituição da agressividade no vazio.

"Só quem já sentiu o frio das grades conhece o calor da liberdade", escreve um adolescente na folha junto com um desenho. Desenho esse, repleto de simbologias como o coração, uma casa, animais e o próprio adolescente que, localizado em um buraco no chão, demonstra a busca por conseguir entrar nos elementos do desenho que simbolizavam a parte de fora da instituição. Esse sem chão, representando o buraco sem base, sem colocação. Única alternativa é esperar e buscar o calor da liberdade ao sair de um lugar repleto de diversos frios.

“Tudo passa e nada é mais precioso que sua liberdade e sua família”. A preciosidade de buscar um lugar na liberdade junto a sua família. Escreve o adolescente que busca no tempo, passar. Passar a angústia da prisão em um vazio que retumba constantemente nas relações estabelecidas dentro da instituição. Busca por parceiros – podendo se pensar em facções e interrelações dos adolescentes na instituição –, trocas de medicamentos, negociações de sobremesas, ações que são buscadas no sentido de fazer passar o tempo na instituição até chegar ao tempo da liberdade.

Retoma-se aqui o que Lacan (1998), no texto “Estádio do Espelho” refere sobre constituição imaginária e simbólica como constituição do Sujeito do inconsciente. Sabendo da interlocução com o outro na dialética entre o eu e as situações sociais, coube buscar nas cartas a oportunidade de o adolescente constituir um lugar frente a essa repressão que possibilite sair “desse” – literal – lugar para uma articulação com os preceitos de singularidade e construção do cotidiano vivido na instituição. Para isso, a constituição de uma imagem – e aqui busca-se essa imagem como corporeidade – com a singularidade histórica de cada adolescente, possibilita reviver na interlocução das cartas uma constituição imaginária como, por exemplo: “Meu nome é ... eu sou da vida loka”, ou seja, o adolescente se define em uma posição que, quando questionada: o que é ser vida loka? Ele responde: “eu usava muita droga e estou aqui porque matei um”. Outra questão: O que faz você estar na vida loka? A resposta: “moro num bairro pobre na vila “x”, sou pobre. Minha família as vezes passa necessidade para poder me ajudar, por isso quero mudar”. Outra pergunta: Mudar como? Resposta: “Quando sair daqui vou achar um emprego bom porque a vida do crime não recompensa, se valesse alguma coisa não tinha vários presos aqui comigo”. Pergunta: Você tem alguma possibilidade de emprego que você pensa? Outra resposta: “Opa eu ajudaria meu irmão de auxiliar de marceneiro. Eu to muito feliz quando me desabafo com vocês”.

Esse “me desabafo” parece indicar um caminho de desconstrução e reconstrução de pensamentos, memórias, desejos e planos, na direção da singularidade histórica de cada um. Essa desconstrução/construção possibilita um caminho de incorporação da própria história como um meio de estruturação imaginária, “uma superfície tal que possa produzir o que se denomina *uma imagem*. É uma definição materialista” (LACAN, 1954-1955 p.72).

Com essa imagem, a colocação no posicionamento em função da família, aquilo que o coloca na busca pela “vida loka” e o questionamento de como isso se dá no sofrimento de sua família. Há, então, uma posição frente ao lugar onde se encontra dentro de sua família. Uma posição simbólica que atrela o questionamento: quem sou eu para o outro? Com isso a imagem se coloca no simbólico e como menciona Lacan (1954-1955) “o Eu, função imaginária, só

intervêm na vida psíquica como símbolo" (LACAN, 1954-1955, p. 59). Papel fundamental no exercício da troca de cartas, posicionar o adolescente frente ao seu registro imaginário para que se possa fazer alguma coisa – discursar – com essa imagem.

Com essa abordagem em não dar conta dos processos de agressividade e, até mesmo, não colocar em questão para que se faça algo diferente do que seria diretamente sugestionado, as cartas foram sendo construídas pelos adolescentes em suas singularidades e essa atividade começou a dar contorno e possibilidade ao adolescente se colocar em questão/desconstrução. Isso, pois a sugestão e o término da intenção agressiva não se constituíam como o objetivo da atividade.

> Que preocupação condiciona, portanto, diante dele a atitude do analista? A de oferecer ao diálogo um personagem tão desprovido quanto possível de características individuais; nós nos apagamos, saímos do campo em que possam ser percebidos o interesse, a simpatia e a reação buscados por aquele que fala no rosto do interlocutor; evitamos qualquer manifestação de nossos gostos pessoais, escondemos o que pode traí-los, nos despersonalizamos e tendemos, para esse fim, a representar para o outro um ideal de impassibilidade. (LACAN, 1998, p. 109)

Com esse intuito, as cartas enviadas aos adolescentes buscavam não responder a essa angústia trazida nesse confinamento colocado dentro da instituição. "Queremos evitar uma cilada, que esse apelo já encerra, marcado pelo eterno patético da fé" (LACAN, 1998, p.109), ou seja, mesmo com a intenção de fazer algo pelo adolescente colocado nessa repressão do vazio, o fazer não busca em simplesmente retirá-lo, mas fazer com que possa se colocar de forma singular na produção discursiva sobre esse vazio repressivo.

"Olha, eu e ela éramos e somos ainda grandes amigos, onde eu ia ela ia junto comigo. Mas olha só, eu sentia algo a mais do que amizade por ela". Começa, então, a surgir relatos de sentimentos "a mais" e desejos colocados pelos adolescentes em função da sua história de vida. Arraigados nessa intenção de uma vida melhor, a criação começa a ser objeto de desejo dos adolescentes, buscando em suas relações possibilidades que consigam contornar o lugar de aprisionamento com alguma esperança.

"É que ela me da esperança de que eu posso ser uma pessoa melhor do que eu sou hoje". Esperança essa trabalhada nas cartas, pois a esperança também é objeto de construção singular, ou seja, na história de cada adolescente. Quase todas colocadas na família como lugar de esperança de uma vida. Questão essa debatida entre os extensionistas, pois, nas cartas, a família é principalmente lugar de amparo e esperança, mas sabe-se que é, também, lugar de desacordos

e desajustes que fazem o adolescente buscar relações que constituem uma ação fora da lei estabelecida como correta. Nesse lugar, a punição.

Os desenhos feitos e enviados nas cartas pelos adolescentes, muito voltados a denunciar essa separação dentro/fora, vazio/esperança. Separação registrada em desenhos de celas e representação do sol no lado de fora. O frio, o confinamento, o trancado em oposição ao quente da esperança e da liberdade de fora. “A janela da minha cela escorre água sem chover. É a lágrima de um preso com saudade de você!”, escreve um adolescente em um dos desenhos realizados e enviados.

Com isso, uma exemplificação de responsabilidade pela construção da própria história, pois os adolescentes, denunciando essa agressividade em estar em um local consolidado no confinamento, coloca a atividade das cartas em um viés diferente. Uma busca pela criação discursiva, que apresente mais uma possibilidade, como as outras oficinas apresentavam, de construção e apropriação discursiva.

Isso, pois “A narcose, como a tortura, tem seus limites: não pode fazer o sujeito confessar aquilo que ele não sabe” (LACAN 1998, p.146). Ou seja, a repressão no confinamento na busca pela completude (violência) ascende a agressividade infantil constituinte na intenção agressiva. As cartas buscam possibilitar que a falha seja concebida como possibilidade discursiva, na contemplação da singularidade como possibilidade de construção discursiva.

Foi sabendo disso que as cartas buscaram oferecer um lugar para que o adolescente pudesse falar, inclusive dos atos infracionais cometidos anteriores à entrada na instituição. Porém, diferente do pensamento velado de punição mencionado anteriormente no funcionamento da instituição, as cartas se propunham a oferecer um espaço para o adolescente se colocar e inclusive apresentar falhas. “Sei que o ser humano é falho todo mundo tem uma segunda chance”, escreve o adolescente em comunicação nas cartas.

“Vários bagulho no dia a dia mas agora to bem melhor eu sou de lua kkk. Um dia vou sair mas não sei que dia é isso”. “Na terra floresce o amor o ódio e a vingança. E no céu floresce a felicidade e a esperança”. “Eu to so por passa essa pandemia e eu ver minha família. É só através de cartas também e ligação, só to pela rua kkk mais logo logo to em casa de novo.”. “Dai ela falou que essa guria pensa em mim lá fora e eu penso nela aqui dentro”. São alguns exemplos de relatos nas cartas que demonstram essa relação do fora e do dentro que, no trabalho da troca semanal das cartas, a busca se tornou por aproximar – mesmo distante fisicamente – através da escrita, a possibilidade do adolescente se sentir responsável pela sua discursividade. Retoma-se então a pergunta: Há possibilidade de implicação do sujeito em função da sua agressividade na escrita?

Em decorrência desse desenvolvimento apresentado, foi visto que os adolescentes tiveram a oportunidade de colocar na escrita as intenções agressivas que se caracterizaram em comportamentos, pensamentos e ações. O lugar do confinado, instituído na ideia de punição colocada pela privação de liberdade posicionam o adolescente frente a um lugar de pressão que faz surgir o que a teoria psicanalítica chama de agressividade.

As cartas se mostraram um meio de aproximação frente ao distanciamento obrigatório ocasionado pela pandemia da Covid-19. Na volta das oficinas presenciais, a escrita pôde continuar sendo um meio de registro. Atividades voltadas para a produção escrita, tanto em reconhecimento de um lugar para o adolescente, como também, para a produção de fala em registro, se tornaram importantes na oportunidade de apresentar ao adolescente um espaço de responsabilização.

"Finalmente, toda a agressão que não é negada, e pela qual pode ser aceita a responsabilidade pessoal é aproveitável para dar força ao trabalho de reparação e restituição" (WINNICOTT, 1987 p.96). Reparação e restituição se escreveram e se desenharam enfocadas no aparato de oportunidade, ou seja, visando à possibilidade do adolescente se defrontar com a agressividade e se responsabilizar por isso em sua produção discursiva. Assim é que os dispositivos possibilitam um lugar de testemunho, para que a reflexão e a elaboração se tornem possíveis, para assim não repetir o passado infinitamente e então ousar esboçar outras histórias (BROIDE; BROIDE, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o processo de troca de cartas entre extensionistas universitários e adolescentes privados de liberdade durante a pandemia da Covid-19, explorando a possibilidade de que esse processo tenha se constituído como um dispositivo clínico que favoreceu a circulação da palavra e possibilitou deslizamentos de sentidos. Das trocas de cartas que tiveram lugar na história da psicanálise, salientamos as correspondências entre Freud e Flies, que deram suporte à construção da teoria psicanalítica mas também ao lugar do analista como um outro a quem se endereçam palavras escritas, e as correspondências entre Einstein e Freud, que evidenciam em texto e em ato que a palavra é um recurso para lidar com aquilo do humano que não é passível de ser suprimido e necessita de elaboração, tal como a agressividade. Assim, situa-se na história da psicanálise algumas trocas de cartas que operaram como dispositivos para fazer circular a palavra, pautados pelo estabelecimento da transferência e pela possibilidade de elaboração.

Nessa direção, o processo de troca de cartas estabelecido entre adolescentes e extensionistas possibilitou que eles pudessem se posicionar como autores de um texto, escolhendo as palavras, as cores e as formas que colocaram no papel endereçado a um outro, estabelecendo laço e criando furos no apagamento subjetivo mobilizado pelo aprisionamento. Assim, oportunizou a circulação da palavra como forma de lidar com as angústias mobilizadas pela privação de liberdade em um contexto pandêmico, que acabou por colocar os adolescentes institucionalizados em uma situação de confinamento extremo.

Conclui-se que esse processo de troca de cartas se constituiu como um dispositivo clínico, pois possibilitou a circulação da palavra e o estabelecimento e/ou manutenção de laços, e que o sujeito fala/escreve sempre que há um outro disposto a escutar/ler, independente do *setting*, que nesse caso incluiu uma unidade socioeducativa, lápis, caneta e papel, de um lado, e a casa, o computador, a internet e a impressora, de outro. Por fim, salientamos a afirmação de Broide (2019, p.) de que "A experiência de atendimento clínico onde quer que a vida se dê mostra-nos que o sujeito fala onde quer que haja uma escuta, seja ela no divã, na instituição, nas ruas ou embaixo de uma ponte na mais pura tradição freudiana inaugurada em 1918", incluindo aí as trocas de cartas como um *setting* possível e muito potente.

Referências

BIRMAN, J. (2009) "Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade." Rio de janeiro. Record.

BROIDE, J. A. (2014) "Construção de Dispositivos Clínicos." Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**,** Porto Alegre, n. 240. Disponível em https://appoa.org.br/correio/edicao/240/a_construcao_de_dispositivos_clinicos/156. Acesso em 05 junho 2022.

BROIDE, J. e BROIDE, E. E. (2015) "A psicanálise em situações sociais críticas**:** metodologia clínica e intervenções." São Paulo: Escuta.

BROIDE, J. Prefácio In: DANTO, A. (2019) E. "As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e justiça social". São Paulo, SP. Editoria Perspectiva.

CUÈLLAR, D. P. (2014) "Do método lacaniano crítico-teórico às suas reconfigurações prático-políticas em discursos concretos: questionamento da ideologia, compromisso do pesquisador e subversão do sujeito." In: Lima, Aluísio Ferreira de. Junior, Nadir Lara. Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica. Porto Alegre. Sulina.

DUNKER, C. I. L. PAULON, C. P. RAMOS, J. G. M. "Análise Psicanalítica de Discurso: perspectivas Lacanianas." 2 Ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

EINSTEIN, A. (2005) "Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?" Apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus. Santa Maria, FADISMA.

FREUD, S. (1913) “Totem e Tabu.”. In: Freud, S. Obras completas, volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. (2005) “Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?” Apresentação de Deisy de Freitas Lima Ventura, Ricardo Antônio Silva Seitenfus. Santa Maria, FADISMA.

GURSKI, R. “A escuta-*flânerie* como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação. In: GURSKI; PEREIRA, et. al. Quando a psicanálise escuta a socioeducação. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, pp. 27-43.

GURSKI, Rose e STRZYKALSKI, Stéphanie. (2018) “A pesquisa em psicanálise e o “catador de restos”: enlaces metodológicos.” Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online], v. 21, n. 3, pp. 406-415. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>. [Acessado 5 Junho 2022]. https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012.

LACAN, J. (1954 – 1955). “O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.” Rio de Janeiro. Zahar

LACAN, J. (1998) “A agressividade em psicanálise. In: Lacan, Jacques.” Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1998) “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia.” In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1998) “O estádio do espelho como formador da função do Eu.” In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar.

LAURENT, É. (2016) “O avesso da psicanálise: Uma escrita para o gozo.” Tradução de Sérgio Laia, Leonardo Scofield, Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro. Contra Capa.

PORGE, E. (1998) “Freud. Fliess. Mito e Quimera da Auto-Analise.” Editora Zahar.

VIDAL, P. E. V. (2010) “A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess.” Estilos da Clínica. (p. 460 – 479)

WINNICOTT. D. W. (1987). “Privação e Delinquência. Tradução Álvaro Cabral.” Livraria Martins Fontes Editora LTDA.

Considerações finais do percurso

Essa dissertação analisou uma trajetória constituída pelo trabalho da troca de cartas com os adolescentes em medida socioeducativa. Primeiramente, a perspectiva histórica das oficinas possibilitou um começo da atividade de troca de cartas em função da pandemia de Covid-19. Em seguida, a aposta foi realizada na relação do conceito de agressividade e escrita em psicanálise para se propor uma leitura e produção em função da atividade. No terceiro momento, análise do processo de troca de cartas como um dispositivo clínico.

O conceito de agressividade em psicanálise se apresentou como uma abordagem de leitura interessante para buscar essa relação dos adolescentes e a construção de questões simbólicas que permitiram criar e fundamentar um pensamento de reconhecimento frente à sensação de apagamento no aprisionamento do sujeito. Uma aposta de leitura e fundamentação na abordagem da atividade de escrita como possibilidade de registro do Sujeito como ancoragem na produção de discurso.

> Mesmo que de forma *negativa* e moralmente condenável, o ato criminal especular confere a eles algum reconhecimento, atraindo então o olhar dos outros sobre si. Com o ato criminoso, uma centelha de luminosidade se irradia finalmente em torno deles, mesmo que seja momentânea e efêmera. (BIRMAN, 2009, p. 87).

Perpassando pela entrada no Case, Birman (2009) apresenta nessa passagem uma notoriedade do qual os adolescentes em medida socioeducativa carregam, tanto em presença na instituição, como também, uma sustentação do ato para que alguma espécie de reconhecimento seja possível. Isso, mesmo que não falado e colocado em perspectiva, porém como presença em comum entre os adolescentes. Um olhar que sustenta um reconhecimento, mesmo que negativo, uma sustentação de presença e de reconhecimento.

“Eu sou da vida loka, quando sair daqui vou mudar por causa da minha família e da minha namorada. Eu usava muita droga na rua, estou aqui porque matei um por isso quero mudar, isso não é vida pra ninguém aqui dentro. Não aguento ficar, isso que faz 1 mês que estou preso.” Diversos elementos presentes na frase do adolescente que se fizeram presentes nas leituras e escritas das cartas e proporcionam buscar a intervenção através da escrita como oportunidade de dar um lugar, tanto para questões de significação, como também, para um registro onde a resposta possibilitou criar uma corporeidade.

Com essa possibilidade de encontro com uma corporeidade que proporcione borda ao vazio da existência do adolescente dentro da instituição que, a ameaça do lugar vazio apresenta

a agressividade como norteadora de ação. Agressividade essa, que ficou vista não só na escrita como composição das frases, mas também na força do lápis, na fraqueza do registro da letra, dentre outros fatores, que demonstraram a tentativa de um lugar que pudesse estabelecer uma garantia de representatividade.

Ana Cláudia dos Santos Meira (2016) no livro "A escrita científica no divã", direciona o pensamento sobre a escrita na presença dos barramentos e desafios frente à produção de um registro. Porém, esse registro, de acordo com a autora, é representado pelo caminho ao qual o sujeito transcorre naquilo ao qual ganha registro. O que fica evidenciado nessa questão são os entraves frente à produção da escrita como a impossibilidade de registro completo. Há sempre uma falha, deixando o processo de escrita como um registro para alguém daquilo que falta.

Nesse viés que o conceito de agressividade em psicanálise se apresentou como um percurso interessante não para fazer uma leitura do produzido pelos adolescentes, mas uma escrita da troca. Uma escrita, como menciona Ana Cláudia (2016), colocada a pensar os impulsos emocionais da intervenção com as cartas. Não se passou por analisar as cartas, mas desenvolver na escrita o percurso representado na intervenção através da atividade, ligando o conceito de agressividade em psicanálise e a relação do corpo com a escrita. Assim, a possibilidade do deslizamento do discurso se tornou possível na intervenção da troca, sendo um espaço com o lápis/caneta para o adolescente se colocar.

Como mencionado anteriormente, o espaço que se abre em um percurso como o realizado até aqui deixa lacunas para novas produções. O deslizamento discursivo dos adolescentes precisa ser colocado em evidência de alguma maneira, onde suas produções sejam escutadas. A troca de cartas se constituíram como uma atividade que se propôs a isso e, através dos trabalhos escritos, se mostrou como uma possibilidade de dar espaço de registro e voz para os adolescentes em medida socioeducativa.

Referências

Birman, Joel. Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade. Rio de janeiro. Record, 2009.

Brum, Eliane. Meus desacontecimentos – a história da minha vida com palavras – 2 Ed. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

Dunker, Christian Ingo Lenz. Paulon, Clarice Pimentel. Ramos, José Guilhermo Milán. Análise Psicanalítica de Discurso: perspectivas Lacanianas. 2 Ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

Lacan, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 1998

Lacan, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: Lacan, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 1998

Meira, Ana Cláudia dos Santos. A escrita Científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever. Porto Alegre: Sulina, 2016.